


sol da meia-noite



STEPHENIE MEYER
AUTORA DA SAGA *CREPÚSCULO*



sol da
meia-noite

STEPHENIE MEYER

TRADUÇÃO DE CAROLINA RODRIGUES,
FLORA PINHEIRO, GIU ALONSO,
MARIA CARMELITA DIAS,
MARINA VARGAS E VIVIANE DINIZ



Copyright © 2020 by Stephenie Meyer
Publicado mediante acordo com Writers House LLC, Nova York, NY, EUA

TÍTULO ORIGINAL
Midnight Sun

PREPARAÇÃO
Ana Guadalupe
Carolina Vaz
Marluce Faria
Nina Lopes

REVISÃO
André Marinho
Marcela Ramos

IMAGEM DE MIOLO
Escultura de Antonio Canova, *Cupid and Psyche*
Crédito: The State Hermitage Museum, St. Petersburg
Copyright: Foto © The State Hermitage Museum / foto de Vladimir Terebenin

IMAGEM DE CAPA
© 2020 Roger Hagadone

ARTE DE CAPA
Dave Caplan e Gail Doobinin
© 2020 Hachette Book Group, Inc.

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK
Carolina Rodrigues
Carolina Vaz
Marcela Ramos

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-65-5560-030-8

Edição digital: 2020

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

← →

[Avançar para o início do texto]

FOLHA DE ROSTO
CRÉDITOS
MÍDIAS SOCIAIS
SUMÁRIO
DEDICATÓRIA

1. À PRIMEIRA VISTA
2. LIVRO ABERTO
3. RISCO
4. VISÕES
5. CONVITES
6. TIPO SANGUÍNEO
7. MELODIA
8. FANTASMA
9. PORT ANGELES
10. TEORIA
11. INTERROGAÇÕES
12. COMPLICAÇÕES
13. OUTRA COMPLICAÇÃO
14. MAIS PERTO
15. POSSIBILIDADE
16. O NÓ
17. CONFISSÕES
18. A MENTE DOMINA A MATÉRIA
19. LAR
20. CARLISLE
21. O JOGO
22. A CAÇADA
23. DESPÉDIDAS
24. EMBOSCADA
25. CORRIDA
26. SANGUE
27. TAREFAS
28. TRÊS CONVERSAS
29. INEVITABILIDADE

EPÍLOGO: UM ACONTECIMENTO ESPECIAL

AGRADECIMENTOS
SOBRE A AUTORA

CONHEÇA A SERIE *CREPUSCULO*
OUTROS TÍTULOS DA AUTORA
LEIA TAMBÉM



Dedico este livro a todos os leitores que nos últimos quinze anos se tornaram parte tão importante da minha vida. Quando nos conhecemos, muitos de vocês eram adolescentes com olhares encantadores e radiantes, cheios de sonhos para o futuro. Espero que nesses anos que se passaram vocês tenham concretizado seus sonhos e que torná-los realidade tenha sido ainda melhor do que vocês imaginavam.

← →

1. À PRIMEIRA VISTA

ESSE ERA O MOMENTO DO DIA EM QUE EU MAIS QUERIA SER CAPAZ DE DORMIR.

Ensino médio.

Talvez *purgatório* fosse uma palavra mais apropriada. Se havia alguma maneira de reparar meus pecados, sem dúvida *essa* experiência devia ajudar. Era difícil se acostumar ao tédio; cada dia parecia mais insuportavelmente monótono do que o anterior.

Talvez até desse para considerar aquilo minha própria versão de dormir; afinal, o que é o sono senão um estado inerte entre períodos ativos?

Olhei para as rachaduras que atravessavam o gesso no canto mais distante do refeitório, imaginando padrões que não existiam. Foi a forma que encontrei de abafar o fluxo de vozes tagarelando dentro da minha cabeça feito a correnteza de um rio.

Centenas delas eu ignorava por puro tédio.

Quando se tratava da mente humana, eu já ouvira de tudo e mais um pouco. Naquele dia, todos os pensamentos eram consumidos pelo drama trivial de uma nova adição ao nosso diminuto corpo estudantil. Era preciso muito pouco para criar um alvoroço. Vi o novo rosto de vários ângulos, repetido em pensamento atrás de pensamento. Era só uma humana comum. A empolgação com sua chegada era previsível a ponto de ser exaustiva — a mesma reação que alguém obteria se mostrasse um objeto brilhante para algumas crianças. Metade da manada de machos já se imaginava apaixonada, só porque ela era novidade. Tentei ao máximo ignorá-los.

Apenas quatro vezes eu bloqueava por educação e não por desgosto: as da minha família, meus dois irmãos e duas irmãs, que estavam tão acostumados com a falta de privacidade ao meu lado que raramente se preocupavam com isso. Eu fazia de tudo para evitar ouvir seus pensamentos sempre que possível.

Porém, por mais que tentasse... eu sabia.

Rosalie estava focada, como sempre, em si mesma. Tinha visto seu reflexo nos óculos de alguém e pensava sobre a própria perfeição. Sua mente era como uma piscina tranquila com poucas surpresas. Ninguém tinha o cabelo tão louro, o corpo tão perfeito, o rosto oval tão simétrico e sem defeitos. Ela não se comparava aos humanos ao redor; isso seria ridículo, absurdo. Era de nós que minha irmã desdenhava, ninguém chegava à sua altura.

O rosto normalmente despreocupado de Emmett estava franzido de frustração. Mesmo agora, ele passava a mão enorme pelos cachos cor de ébano,

puxando o cabelo com o punho cerrado. Continuava furioso por ter perdido a luta contra Jasper na noite passada. Ele precisaria de toda a sua paciência limitada para aguentar até o fim das aulas e então ter sua revanche. Ouvir os pensamentos de Emmett nunca me pareceu uma intromissão, porque ele nunca pensava algo que não diria em voz alta ou executaria. Talvez eu só me sentisse culpado por ler a mente dos outros porque sabia que havia coisas que eles não gostariam que eu soubesse. Se a mente de Rosalie era uma piscina tranquila, a de Emmett era um lago cristalino como vidro transparente.

E Jasper estava... sofrendo. Contive um suspiro.

Edward. Alice disse meu nome em sua mente, chamando minha atenção imediatamente.

Daria no mesmo se ela tivesse me chamado em voz alta. Eu adorava que meu nome tivesse saído de moda nas últimas décadas; no passado, sempre que alguém pensava em qualquer Edward, eu virava a cabeça automaticamente, o que era bem irritante.

Não me virei dessa vez. Alice e eu éramos bons em manter conversas privadas. Era raro alguém perceber. Mantive os olhos fixos nas rachaduras do teto.

Como ele está?, ela me perguntou.

Fiz uma careta sutil, apenas um leve movimento no canto da boca. Nada que os outros fossem notar. Eu podia muito bem estar reagindo ao tédio.

Jasper estava imóvel havia tempo demais. Não executava os tiques humanos que todos nós deveríamos simular, sempre em movimento para não chamar atenção, como Emmett ajeitando o cabelo, Rosalie cruzando as pernas primeiro para um lado e depois para outro, Alice batendo os pés no piso de linóleo, ou eu, virando a cabeça para observar os diferentes padrões na parede. Jasper estava estático, seu corpo esbelto completamente reto, até mesmo o cabelo cor de mel parecendo não reagir ao ar que saía pelos dutos de ventilação.

O tom mental de Alice soava alarmado, e eu vi em sua mente que ela estava observando Jasper pelo canto do olho. *Algum perigo?* Ela vasculhou o futuro imediato, ignorando as visões de monotonia que justificavam minha careta. Mesmo enquanto fazia isso, Alice lembrou-se de apoiar o queixo pontudo numa das mãos e piscar de vez em quando. Ela afastou dos olhos uma mecha do cabelo preto, curto e desfiado.

Virei bem devagar o rosto para a esquerda, como se estivesse olhando para os tijolos da parede, suspirei e depois virei para a direita, de volta às rachaduras no teto. Meus outros irmãos presumiriam que eu estava me fingindo de humano. Só Alice saberia que eu estava balançando a cabeça.

Ela relaxou. *Por favor, me avise se piorar muito.*

Movendo apenas os olhos, encarei o teto e então o chão.

Obrigada, Edward.

Fiquei feliz por não poder responder em voz alta. O que eu diria? *O prazer é meu?* Isso estava longe de ser verdade. Eu não gostava de me concentrar nas

dificuldades de Jasper. Era mesmo necessário fazer essa experiência? Não seria mais seguro admitir que talvez ele nunca controlasse sua sede com a mesma facilidade que o resto de nós, em vez de forçar seus limites? Por que flertar com o desastre?

Fazia duas semanas desde nossa última caçada. Não era um intervalo tão difícil para o restante de nós. Um pouco desconfortável de vez em quando, caso um humano se aproximasse demais ou o vento soprasse na direção errada. Mas os humanos raramente chegavam perto. O instinto lhes dizia o que sua mente consciente nunca entenderia: nós éramos perigosos e deveríamos ser evitados.

Jasper representava um grande perigo nesse momento.

Isso não acontecia com frequência, mas vez ou outra eu ficava impressionado com a cegueira dos humanos ao nosso redor. Estávamos todos acostumados, sempre esperávamos que fosse assim, mas às vezes me parecia mais evidente do que o normal. Nenhum deles reparava em nosso grupo sentado à mesa surrada do refeitório, embora tigres de tocaia fossem menos letais do que nós. Tudo o que viam eram cinco pessoas de aparência estranha, parecidas com humanos o bastante para se passarem por eles. Era difícil imaginar que alguém pudesse sobreviver com sentidos tão pouco aguçados.

Nesse momento, uma garota franzina parou na cabeceira da mesa mais próxima da nossa para conversar com um amigo. Ela mexeu no cabelo curto e claro, passando os dedos por entre as mechas. O aquecedor central soprou seu cheiro em nossa direção. Eu estava acostumado com a sensação que aquilo provocava: a garganta seca, o desejo oco no estômago, a contração automática dos músculos, o veneno fluindo na boca.

Tudo isso era normal e, em geral, fácil de ignorar. Era mais difícil naquele momento, com as reações mais fortes, duplicadas, enquanto eu monitorava Jasper.

Ele estava se deixando levar pela imaginação. Estava visualizando... Visualizando a si mesmo se levantando da cadeira ao lado de Alice e indo até a garota. Vendo a si mesmo inclinando a cabeça para mais perto, como se fosse sussurrar no ouvido dela, os lábios tocando o pescoço. Imaginando o fluxo quente do sangue sob a barreira frágil da pele na boca dele...

Chutei sua cadeira.

Ele se virou para mim, os olhos negros ressentidos por um segundo, então encarou o chão. Ouvi o conflito entre vergonha e rebelião em sua mente.

— Desculpe — murmurou Jasper.

Dei de ombros.

— Você não ia fazer nada — afirmou Alice para ele em voz baixa, tentando animá-lo. — Eu vi.

Contive a careta que a desmentiria. Nós tínhamos que nos apoiar, Alice e eu. Não era fácil ser uma aberração em meio a outras aberrações. Nós protegíamos os segredos um do outro.

— Ajuda um pouco se você pensar neles como pessoas — sugeriu Alice, sua voz alta e musical acelerada demais para que os ouvidos humanos compreendessem, caso alguém estivesse perto o suficiente para ouvi-la. — O nome dela é Whitney. Ela tem uma irmãzinha que adora. A mãe dela convidou Esme para aquela festa no jardim, lembra?

— Eu sei quem ela é — respondeu Jasper secamente.

Ele se virou para olhar por uma das pequenas janelas abaixo dos beirais ao redor da sala comprida. Seu tom encerrou a conversa.

Ele teria que caçar à noite. Era ridículo correr riscos como aquele, tentando testar sua força de vontade, aumentar sua resistência. Jasper deveria aceitar logo suas limitações e aprender a lidar com elas.

Alice suspirou baixinho e se levantou, levando sua bandeja — seu adereço, por assim dizer — e deixando-o sozinho. Ela sabia que ele não queria seu apoio. Embora Rosalie e Emmett fossem mais dados a demonstrações públicas de afeto, eram Alice e Jasper que conheciam bem as necessidades um do outro. Era como se também pudessem ler mentes, mas apenas entre si.

Edward.

Por reflexo, virei-me ao ouvir meu nome, embora não estivessem me chamando em voz alta, apenas em pensamento.

Por meio segundo, meus olhos encararam um par de olhos humanos grandes e castanhos em um rosto pálido em forma de coração. Eu conhecia aquele rosto, apesar de nunca tê-lo visto. Estava em todas as mentes humanas hoje. A aluna nova, Isabella Swan. Era filha do chefe de polícia da cidade e veio para cá por conta de alguma mudança na sua guarda. Bella. Ela corrigiu todos que a chamaram de Isabella.

Desviei o olhar, entediado. Levei um segundo para perceber que não tinha sido ela quem havia pensado em meu nome.

Claro que ela já está caidinha pelos Cullen, continuava o primeiro pensamento.

Ah, agora reconheci aquela “voz”.

Jessica Stanley. Já fazia tempo que ela não me incomodava com seu monólogo interior. Foi um grande alívio quando ela superou sua fixação por mim. Era quase impossível escapar de seus devaneios constantes e ridículos. Eu desejava, na época, poder explicar *exatamente* o que aconteceria se meus lábios e meus dentes chegassem perto dela. Isso teria silenciado aquelas fantasias irritantes. Imaginar sua reação quase me fez sorrir.

Boa sorte, continuou Jessica. *Bella nem é tão bonita assim. Não sei por que Eric está olhando tanto para ela... e Mike também.*

Ela se encolheu mentalmente ao pensar no segundo garoto. Sua nova obsessão, Mike Newton, um menino popular genérico que nem reparava nela. Ao que parecia, ele não era tão indiferente à nova garota. Outra criança desejando o objeto brilhante. Isso dava um tom maldoso aos pensamentos de Jessica, embora ela agisse de maneira cordial com a recém-chegada enquanto

explicava o que era de conhecimento geral sobre minha família. A nova aluna devia ter perguntado sobre nós.

Todo mundo está me olhando hoje também, pensou Jessica em tom presunçoso. *Ainda bem que Bella tem duas aulas comigo. Aposto que Mike vai querer me perguntar o que ela...*

Tentei bloquear seu monólogo fútil antes que aquela mesquinharia trivial me deixasse de mau humor.

— Jessica Stanley está contando todos os podres do clã Cullen para Swan, a garota nova — murmurei para Emmett na tentativa de me distrair.

Ele riu baixinho. *Espero que esteja contando direito,* pensou.

— Falta imaginação, na verdade. Quase não tem escândalo. Nenhuma história de terror. Estou um pouco decepcionado.

E a garota nova? Ela também está decepcionada com as fofocas?

Resolvi ouvir o que a garota nova, Bella, estava achando da história de Jessica. O que ela via quando olhava para a família estranha e pálida que era evitada por todos?

Era minha responsabilidade saber a reação dela. Eu servia de vigia, por falta de uma palavra melhor, para minha família. Para nossa proteção. Se alguém suspeitasse de algo, eu poderia avisar logo, e teríamos chance de agir rapidamente. De vez em quando acontecia... Algum humano com imaginação fértil nos via como os personagens de um livro ou filme. Em geral entendiam tudo errado, mas era melhor procurar um lugar novo do que correr o risco de chamar atenção demais. Era raro, muito raro, alguém adivinhar a verdade. Não lhes dávamos a chance de testar suas hipóteses. Simplesmente desaparecíamos, nos tornando uma lembrança assustadora.

Isso não acontecia havia décadas.

Não ouvi nada, apesar de escutar com toda a atenção o monólogo interno frívolo de Jessica. Era como se a cadeira ao seu lado estivesse vazia. Que peculiar. A garota tinha ido embora? Parecia improvável, porque Jessica continuava tagarelado sem parar. Olhei para cima, nervoso. Nunca havia precisado confirmar minha “audição” extra.

Mais uma vez, meu olhar encontrou aqueles grandes olhos castanhos. Bella estava sentada no mesmo lugar de antes e olhando para a gente. Uma coisa natural a se fazer, supus, já que Jessica ainda destilava todas as fofocas locais sobre os Cullen.

Estar pensando em nós também seria natural.

Mas eu não ouvi sequer um sussurro.

Um tom avermelhado quente e convidativo invadiu suas bochechas quando ela desviou o olhar, envergonhada por ter sido flagrada olhando para um estranho. Ainda bem que Jasper continuava encarando a janela. Eu não queria nem imaginar como aquele acúmulo de sangue afetaria seu autocontrole.

As emoções estavam tão claras no rosto daquela garota quanto se tivessem sido expressas em palavras: surpresa, enquanto absorvia inconscientemente as

diferenças sutis entre sua espécie e a minha; curiosidade, ao ouvir as histórias de Jessica; e algo mais... fascinação? Não seria a primeira vez. Éramos lindos para eles, nossas presas. Então, por fim, o constrangimento.

E, no entanto, embora seus pensamentos estivessem claros em seus olhos estranhos — eu nunca vira olhos tão profundos —, eu só ouvia silêncio vindo dela. Apenas... silêncio.

Fiquei desconfortável por um momento.

Nunca tinha encontrado algo assim. Havia algo de errado comigo? Eu me sentia o mesmo de sempre. Preocupado, aguicei os ouvidos.

Todas as vozes que eu vinha bloqueando de repente gritavam na minha cabeça.

... de que música será que ela gosta? Talvez eu possa falar sobre o meu CD novo..., Mike Newton estava pensando, a duas mesas de distância, em Bella Swan.

Olha só ele olhando para ela. Não basta ter metade das garotas da escola atrás dele... Os pensamentos de Eric Yorkie eram cáusticos e também giravam em torno da garota nova.

... é tão nojento. Quem vê até acha que ela é famosa ou algo assim... Até Edward Cullen está olhando... Lauren Mallory estava com tanta inveja que era uma surpresa que seu rosto não estivesse vermelho. *Olha só a Jessica, toda exibida com a nova melhor amiga. Que piada...* Os pensamentos venenosos da garota continuaram.

... Aposto que todo mundo já perguntou isso para ela. Mas eu queria falar com ela. Que pergunta seria mais original?, pensava Ashley Dowling.

... talvez ela esteja na minha aula de espanhol..., torcia June Richardson.

... tanta coisa para fazer hoje à noite! Trigonometria e o teste de inglês. Espero que minha mãe... Angela Weber, uma garota quieta cujos pensamentos eram incomumente gentis, era a única na mesa que não estava obcecada pela tal Bella.

Eu ouvia todos eles, cada pensamento insignificante que lhes passava pela cabeça. Mas a aluna nova com os olhos estranhamente comunicativos continuava em silêncio.

E, claro, eu ouvia o que Bella dizia ao falar com Jessica. Eu não precisava ler mentes para ouvir sua voz baixa e clara do outro lado do amplo refeitório.

— Quem é o garoto de cabelo ruivo? — Eu a ouvi perguntar, lançando outro olhar de soslaio para mim, e então desviando os olhos rapidamente quando viu que eu ainda a observava.

Ainda bem que não tive tempo de criar esperanças de que ouvir sua voz fosse me ajudar a identificar o tom de seus pensamentos, ou teria ficado instantaneamente decepcionado. Em geral, os pensamentos das pessoas lhes ocorriam em um tom semelhante ao da voz. Mas aquela voz baixa e tímida não era familiar, não correspondia à de nenhum dos pensamentos que circulavam pelo refeitório, disso eu tinha certeza. Era totalmente nova.

Ab, boa sorte, otária!, pensou Jessica antes de responder à pergunta.

— É o Edward. Ele é lindo, é claro, mas não perca seu tempo. Ele não namora. Ao que parece, nenhuma das meninas daqui é bonita o bastante para ele.

Jessica fungou baixinho.

Virei o rosto para esconder meu sorriso. Jessica e suas colegas de turma não faziam ideia da sorte que tinham por nenhuma delas ter chamado a minha atenção.

Por baixo dessa diversão momentânea, senti um impulso estranho, que não entendi por completo. Tinha algo a ver com o tom maldoso dos pensamentos de Jessica, que a nova garota desconhecia... Senti uma vontade estranha de me colocar entre as duas, de proteger Bella Swan dos recantos mais sombrios da mente de Jessica. Que coisa estranha de se sentir. Tentando desvendar as motivações por trás do impulso, examinei a garota nova mais uma vez, agora através dos olhos de Jessica. Eu já tinha chamado atenção demais.

Talvez fosse apenas algum instinto protetor enterrado havia muito tempo; uma vontade súbita de proteger os mais fracos. De alguma maneira, aquela garota parecia mais frágil do que os outros humanos. Sua pele era tão pálida que era difícil acreditar que lhe oferecesse grande proteção do mundo exterior. Eu via o pulso ritmado do seu sangue pelas veias sob a pele clara... Mas não deveria me concentrar nessa parte. Eu era bom em seguir a vida que havia escolhido, mas estava com tanta sede quanto Jasper e não via sentido em alimentar tentações.

Havia um leve franzido entre suas sobrancelhas que ela parecia não perceber.

Como aquilo era frustrante! Notei com toda a clareza que era difícil para a garota ficar ali sentada, conversando com estranhos, sendo o centro das atenções. Eu sentia sua timidez pela posição dos ombros frágeis, curvados de leve, como se estivesse esperando uma rejeição a qualquer momento. E, no entanto, eu só podia ver, só podia sentir, só podia imaginar. Não havia nada além de silêncio vindo daquela garota humana comum. Eu não conseguia ouvir nada. Por quê?

— Vamos? — murmurou Rosalie, interrompendo meus pensamentos.

Fiquei aliviado ao desviar minha atenção da garota. Eu não queria fracassar mais uma vez. O fracasso era algo raro para mim, mas mesmo assim não deixava de ser irritante. Eu não queria desenvolver qualquer interesse pelos pensamentos ocultos dela só por estarem ocultos. Sem dúvida, quando conseguisse desvendá-los — e eu *com certeza* ia descobrir uma forma de fazer isso —, eles iam se mostrar tão mesquinhos e triviais quanto os de qualquer outro humano. Não valeriam o esforço que eu faria para desvendá-los.

— E aí, a novata já tem medo de nós? — perguntou Emmett, ainda esperando minha resposta à sua pergunta anterior.

Dei de ombros. Ele não estava interessado o suficiente para insistir.

Nós nos levantamos da mesa e saímos do refeitório.

Emmett, Rosalie e Jasper fingiam ser do último ano e foram para suas aulas. Eu estava desempenhando o papel de irmão mais novo. Fui para a aula de biologia do primeiro ano, preparando minha mente para o tédio. Duvidava muito de que o Sr. Banner, um homem com um intelecto claramente mediano, conseguisse apresentar qualquer coisa capaz de surpreender alguém com dois diplomas em medicina.

Na sala, me acomodei na cadeira e larguei meus livros na mesa. Também adereços, não continham nada que eu já não soubesse. Eu era o único aluno sentado sozinho. Os humanos não eram inteligentes o suficiente para *saber* que tinham medo de mim, mas seus instintos de sobrevivência inatos bastavam para mantê-los longe.

A sala se encheu aos poucos conforme os alunos chegavam do almoço. Recostei-me na cadeira e esperei o tempo passar. Mais uma vez, desejei ser capaz de dormir.

Como eu ainda estava pensando na garota nova quando Angela Weber a acompanhou até a sala, seu nome chamou minha atenção.

Bella parece tão tímida quanto eu. Aposto que hoje está sendo muito difícil para ela. Queria poder dizer alguma coisa... mas aposto que ela ia achar idiota.

Oba!, pensou Mike Newton, virando-se para observar as meninas entrarem.

Mais uma vez, de onde Bella Swan estava, não ouvi nada. O vazio vindo de onde seus pensamentos deveriam estar me deixou irritado e incomodado.

E se *tudo* sumisse? E se isso fosse só o primeiro sintoma de algum tipo de declínio mental?

Muitas vezes quis escapar daquela cacofonia. Ser normal, na medida do possível para mim. Mas naquele momento esse pensamento me deixou em pânico. Quem eu seria sem minha habilidade? Nunca tinha ouvido falar de nada assim. Teria que perguntar para Carlisle.

A garota seguiu pelo corredor perto de mim, em direção à mesa do professor. Coitada, o lugar ao meu lado era o único livre. Automaticamente, limpei a bagunça da mesa onde ela se sentaria, empurrando meus livros para o lado. Duvidava de que ela fosse se sentir confortável. Seria um longo semestre para Bella... pelo menos nessa aula. Talvez, sentado ao seu lado, eu conseguisse desvendar o mistério dos pensamentos dela... Não que eu já tivesse precisado estar próximo dos outros para isso. Não que eu fosse encontrar algo que valesse a pena ouvir.

Bella Swan passou pela corrente de ar quente que saía da ventilação.

Seu cheiro me atingiu como um aríete, como uma granada. Não havia imagem violenta o suficiente para descrever a força do que senti naquele momento.

Na mesma hora, me transformei. Eu não tinha mais qualquer semelhança com o humano que já fui. Nenhum vestígio dos fragmentos da humanidade nos quais consegui me esconder ao longo dos anos.

Eu era um predador. Ela era minha presa. Não havia mais nada no mundo inteiro além dessa verdade.

Não havia uma sala cheia de testemunhas. Em minha mente, já eram danos colaterais. O mistério dos pensamentos dela foi esquecido. Seus pensamentos nada significavam, pois ela não continuaria pensando por muito mais tempo.

Eu era um vampiro, e o sangue dela tinha o cheiro mais doce que já sentira em mais de oitenta anos.

Nunca tinha imaginado que um cheiro como esse existisse. Caso contrário, já teria ido atrás dele havia muito tempo. Teria vasculhado o planeta inteiro atrás dela. Já podia imaginar seu gosto...

A sede queimou minha garganta feito fogo. Minha boca estava dolorida e seca, e o fluxo fresco de veneno em nada ajudou a dispersar essa sensação. Meu estômago se revirou com a fome que era um eco da sede. Meus músculos se contraíram, preparados para a emboscada.

Nem um segundo havia se passado. Ela ainda estava dando o mesmo passo que a pusera no caminho da corrente de ar.

Quando seu pé tocou o chão, seus olhos se voltaram para mim, um movimento que Bella claramente pretendia que fosse furtivo. Seu olhar encontrou o meu, e eu me vi refletido nos seus olhos.

O susto que tomei com o rosto que vi salvou a vida dela por um triz.

Ela não facilitou as coisas. Quando processou minha expressão, o sangue inundou suas bochechas outra vez, deixando sua pele da cor mais deliciosa que eu já tinha visto. Seu cheiro era uma névoa embrenhada em meu cérebro. Eu mal conseguia raciocinar. Meus instintos se enfureceram, lutando pelo controle, incoerentes.

Ela apertou o passo, como se percebesse que precisava escapar. Sua pressa a deixou desajeitada: ela tropeçou e cambaleou para a frente, quase caindo na garota sentada diante de mim. Vulnerável, fraca. Ainda mais que o normal para uma humana.

Tentei me concentrar no rosto que tinha visto refletido nos olhos dela, um rosto que reconheci com repulsa. Era o do monstro que habita dentro de mim, o rosto que eu havia reprimido com décadas de esforço e disciplina ferrenha. Ah, como ele ressurgiu com facilidade!

O cheiro me envolveu outra vez, afastando meus pensamentos e quase me fazendo pular da cadeira.

Não.

Agarrei a borda da mesa enquanto tentava me segurar na cadeira. A madeira não deu conta. Minha mão esmagou o suporte, soltando lascas e pó, deixando a forma dos meus dedos esculpida na mesa.

Destruir as provas. Essa era uma regra fundamental. Com a ponta dos dedos, rapidamente pulverizei os cantos da marca, deixando apenas um buraco irregular e uma pilha de lascas no chão, que espalhei com o pé.

Destruir provas. Dano colateral...

Eu sabia o que tinha que acontecer em seguida. A garota se sentaria ao meu lado e eu precisaria matá-la.

As testemunhas inocentes na sala de aula, dezoito jovens e um adulto, não poderiam sair com vida depois de testemunharem a cena.

Eu me encolhi ao pensar no que precisava fazer. Mesmo nos meus piores momentos, nunca havia cometido esse tipo de atrocidade. Nunca tinha matado inocentes. E, no entanto, naquele momento eu planejava matar vinte de uma vez.

O rosto do monstro no meu reflexo zombava de mim.

Enquanto parte de mim sentia nojo dele, outra parte pensava no passo seguinte.

Se eu matasse a garota primeiro, teria apenas quinze ou vinte segundos com ela antes que os humanos na sala reagissem. Talvez um pouco mais, se não percebessem o que eu estava fazendo logo de cara. Ela nem teria tempo de gritar ou sentir dor; eu não a mataria com crueldade. Isso eu poderia dar a essa estranha com um sangue terrivelmente desejável.

Mas então eu teria que impedi-los de escapar. Não precisaria me preocupar com as janelas, que eram altas e pequenas demais para funcionarem como rota de fuga. Só a porta... Se eu a bloqueasse, eles ficariam presos.

Seria mais demorado e difícil eliminá-los quando estivessem em pânico e correndo, movendo-se em meio ao caos. Não seria impossível, mas haveria muito mais barulho e muito mais tempo para os gritos se espalharem pelos corredores. Alguém ouviria... e eu seria forçado a matar ainda mais inocentes naquela hora sombria.

Mas o sangue dela esfriaria enquanto eu matava os outros.

O cheiro dela me açoitou, fazendo minha garganta se fechar com uma dor seca...

Então as testemunhas teriam que morrer primeiro.

Planejei tudo. Eu estava na fileira do meio, no fundo da sala. Eu cuidaria do lado direito primeiro. Era capaz de quebrar quatro ou cinco pescoços por segundo, calculei. Não faria muito barulho. O lado direito seria o lado sortudo; eles não me veriam atacando. Então eu seguiria até a frente e voltaria pelo lado esquerdo, levando no máximo cinco segundos para matar todas as pessoas na sala.

Tempo suficiente para Bella Swan vislumbrar o que estava por vir. Tempo suficiente para ela sentir medo. Talvez o bastante, se o choque não a imobilizasse, para que gritasse. Um grito suave que não chamaria a atenção de ninguém.

Respirei fundo, e o aroma era um fogo que corria pelas minhas veias ressecadas, queimando meu peito e consumindo cada ação impulsiva que eu era capaz de cometer.

Ela estava se virando agora. Em alguns segundos, Bella se sentaria a centímetros de mim.

O monstro na minha cabeça exultou.

Alguém fechou uma pasta à minha esquerda. Não desviei os olhos para ver qual dos humanos condenados era o responsável, mas com o gesto uma minilufada de ar fresco e sem cheiro atingiu meu rosto.

Por um breve segundo, fui capaz de pensar com clareza. Naquele instante precioso, visualizei dois rostos, lado a lado.

Um era o meu, ou melhor, tinha sido o meu: o monstro de olhos vermelhos que havia matado tantas pessoas que perdi a conta. Assassinatos justificados e racionalizados. Eu tinha sido um assassino de assassinos, um matador de monstros menos poderosos. Eu reconhecia que era um complexo de Deus decidir quem merecia uma sentença de morte. Era uma espécie de barganha comigo mesmo. Eu havia me alimentado de sangue humano, mas de pessoas que mal se qualificavam como tal. Minhas vítimas eram, em seus vários passatempos sombrios, tão monstruosas quanto eu.

O outro rosto era o de Carlisle.

Não havia semelhança entre os dois rostos. Eram o dia mais claro e a noite mais sombria.

Não havia por que existir qualquer semelhança. Carlisle não era meu pai no sentido biológico. Não compartilhávamos traços genéticos. A semelhança em nosso tom de pele era um produto do que éramos; todo vampiro era pálido como um cadáver. A semelhança na cor dos nossos olhos era outra questão, um reflexo de uma escolha mútua.

E, no entanto, embora não houvesse base para uma semelhança, imaginei que meu rosto começara a refletir o dele, até certo ponto, nos últimos setenta e tantos anos em que abracei sua escolha e segui seus passos. Minhas feições não haviam mudado, mas eu tinha a impressão de que um pouco de sua sabedoria marcara minha expressão, um pouco de sua paixão podia ser vista em meus lábios contraídos, e indícios de sua paciência eram evidentes na minha testa.

Todas essas pequenas melhorias desapareceram do rosto do monstro. Em alguns momentos, não sobraria nada em mim que refletisse os anos que passei com meu criador, meu mentor, meu pai de todas as maneiras que importavam. Meus olhos brilhariam vermelhos como os de um demônio; toda semelhança se perderia para sempre.

Na minha cabeça, os olhos gentis de Carlisle não me julgavam. Eu sabia que ele me perdoaria por esse ato horrível. Porque ele me amava. Porque ele achava que eu era melhor do que de fato era.

Bella Swan sentou-se na cadeira ao meu lado, os movimentos rígidos e desajeitados — sem dúvida com medo —, e o cheiro de seu sangue me envolveu em uma nuvem inescapável.

Eu provaria que meu pai estava errado sobre mim. A tristeza desse fato doeu quase tanto quanto o fogo na minha garganta.

Eu me inclinei para longe dela com repulsa, enojado pelo monstro sedento por matá-la.

Por que ela teve que vir para cá? Por que teve que *existir*? Por que ela teve que arruinar a pouca paz que eu tinha nessa minha não vida? Por que aquela humana irritante tinha nascido? Ela me arruinaria.

Desviei o rosto, um ódio repentino, feroz e irracional tomando conta de mim.

Eu não queria ser um monstro! Não queria matar aquela sala cheia de jovens inofensivos! Não queria perder tudo o que tinha conquistado após uma vida inteira de sacrifício e negação!

E assim seria.

Ela não me obrigaria a fazer aquilo.

Mas o problema era o cheiro, aquele cheiro terrivelmente atraente do seu sangue. Se houvesse alguma maneira de resistir... Talvez outra lufada de ar fresco pudesse clarear minha mente.

Bella Swan sacudiu o cabelo comprido, de fios grossos e escuros, em minha direção.

Ela era louca?

Não, não havia uma brisa para me ajudar. Mas eu *não* precisava respirar.

Interrompi o fluxo de ar entrando nos meus pulmões. O alívio foi instantâneo, mas incompleto. Eu ainda tinha a lembrança do seu perfume, o gosto dele na parte de trás da língua. Eu não resistiria por muito tempo.

A vida de todos na sala estava em perigo enquanto ela e eu estivéssemos lado a lado. Eu devia fugir. Eu *queria* fugir, me afastar do corpo *quente* ao meu lado, da dor persistente da sede que ardia, mas não tinha cem por cento de certeza de que se eu relaxasse meus músculos para me mover, mesmo que apenas para me levantar, eu não a atacaria e cometeria o massacre já planejado.

Mas talvez eu conseguisse aguentar uma hora. Será que uma hora seria tempo suficiente para recuperar o controle e me mover sem atacar? Eu duvidava muito, então me forcei a me comprometer. Eu *faria* com que fosse suficiente. Tempo suficiente para sair da sala cheia de vítimas, vítimas que talvez não precisassem ser vítimas. Se eu resistisse por apenas uma hora.

Era bem desconfortável ficar sem respirar. Meu corpo não precisava de oxigênio, mas aquilo ia contra todos os meus instintos. Eu confiava no olfato mais do que nos outros sentidos em momentos de estresse. Era o que mostrava o caminho na caçada; era o primeiro aviso em caso de perigo. Poucas vezes encontrei algo tão perigoso quanto eu mesmo, mas a autopreservação era tão forte na minha espécie quanto no ser humano médio.

Era desconfortável, mas suportável. Mais fácil do que sentir seu cheiro e não cravar meus dentes naquela pele fina, frágil e translúcida até chegar à veia quente, úmida e pulsante...

Uma hora! Só uma hora. Eu não devia pensar no perfume, no gosto.

A garota se inclinou para a frente, deixando o cabelo se espalhar pelo caderno. Eu não conseguia ver o rosto dela para tentar ler as emoções em seus

olhos tão transparentes e profundos. Ela estava tentando esconder os olhos de mim? Por medo? Timidez? Para guardar seus segredos?

Minha irritação anterior por ser deixado de fora de seus pensamentos silenciosos era fraca e suave em comparação com a necessidade — e o ódio — que me possuía agora. Eu odiava essa garota frágil ao meu lado, odiava-a com todo o fervor com que me apeguei ao meu antigo eu, ao meu amor pela minha família, aos meus sonhos de ser algo melhor do que eu era. Odiá-la, odiar como ela me fazia sentir, isso ajudou um pouco. Sim, a irritação de antes era fraca, mas também ajudou um pouco. Eu me apeguei a qualquer pensamento que me distraísse de imaginar que *gosto* ela teria...

Ódio e irritação. Impaciência. Aquela hora nunca passaria?

E quando passasse... ela sairia da sala. E eu faria o quê?

Se eu conseguisse controlar o monstro, fazê-lo ver que o atraso valeria a pena... Eu poderia me apresentar. *Olá, meu nome é Edward Cullen. Posso acompanhá-la até sua próxima aula?*

Ela diria que sim. Seria a coisa educada a fazer. Mesmo com medo, como eu tinha certeza de que era o caso, ela seguiria as regras de convivência e caminharia ao meu lado. Não seria difícil levá-la na direção errada. Os fundos do estacionamento davam para parte da floresta. Eu poderia dizer a ela que esqueci um livro no carro...

Será que alguém notaria que fui a última pessoa com quem ela foi vista? Estava chovendo, como sempre. Duas capas de chuva escuras caminhando na direção errada não despertariam muito interesse ou me denunciariam.

No entanto, eu não era o único aluno que reparara nela hoje, embora ninguém houvesse tido tanta consciência dela quanto eu. Mike Newton, em particular, estava prestando atenção a cada movimento de desconforto dela por estar tão próxima de mim, desconforto que qualquer outra pessoa sentiria. Aquela reação não era uma surpresa para mim, mas o cheiro dela destruiu qualquer resquício de preocupação em minha mente. Mike Newton repararia se ela saísse da sala comigo.

Se eu conseguisse aguentar uma hora, será que aguentaria duas?

Eu me encolhi de dor, a garganta em brasas.

Ela iria para uma casa vazia. O chefe de polícia Swan trabalhava oito horas por dia. Eu conhecia a casa dele, afinal conhecia todas as casas daquela cidadezinha. Ficava aninhada a um bosque denso, sem vizinhos próximos. Mesmo que a garota tivesse tempo de gritar, e ela não teria, não haveria ninguém por perto para ouvir.

Seria a maneira mais responsável de lidar com isso. Passei mais de sete décadas sem sangue humano. Se eu prendesse a respiração, aguentaria mais duas horas. E quando estivesse sozinho com ela, ninguém mais se machucaria. *E não vou precisar fazer nada com pressa*, concordou o monstro na minha cabeça.

Era um sofisma pensar que meu esforço e paciência para salvar os dezenove humanos naquela sala tornaria o ato de matar uma garota inocente algo menos

monstruoso.

Embora a odiasse, eu estava ciente de que meu ódio era injustificável. Sabia que o que eu odiava na verdade era eu mesmo. E eu me odiaria muito mais quando ela estivesse morta.

Passei a hora assim, imaginando as melhores formas de matá-la. Tentei não pensar no *ato* em si. Isso poderia me levar ao limite. Então planejei apenas a estratégia.

Uma vez, mais para o fim da aula, ela me espiou por trás da cortina fluida formada por seu cabelo. Eu senti aquele ódio injustificável queimando dentro de mim quando encontrei seu olhar; vi o reflexo do meu sentimento nos olhos assustados dela. Sangue coloriu as bochechas de Bella antes que ela pudesse se esconder atrás do cabelo de novo, e eu quase perdi o controle.

Mas o sinal tocou. E nós — que clichê — fomos salvos pelo gongo. Ela, da morte. Eu, por pouco tempo, de ser a criatura horripilante que eu temia e detestava.

Agora eu precisava ir embora dali.

Mesmo concentrando toda a minha atenção nos gestos mais simples, não consegui andar tão devagar quanto deveria; disparei para fora da sala. Se alguém estivesse me observando, poderia suspeitar de que havia algo errado na minha velocidade. Mas ninguém estava prestando atenção em mim. Todos os pensamentos ainda giravam em torno da garota que tinha sido condenada à morte havia pouco mais de uma hora.

Eu me escondi no meu carro.

Não gostava de pensar em mim mesmo como alguém que precisava se esconder. Isso soava muito covarde. Mas eu não tinha disciplina suficiente para ficar perto dos humanos naquele momento. Concentrar meus esforços em não matar *uma* humana me deixou sem forças para resistir aos outros. Isso seria um verdadeiro desperdício: se eu fosse ceder ao monstro, era melhor que a derrota valesse a pena.

Botei para tocar um CD que em geral me acalmava, mas de pouco adiantou. Não, o que mais ajudou foi o ar fresco e úmido que entrava com a chuva fina pelas janelas abertas. Embora eu ainda me lembrasse do perfume do sangue de Bella Swan com perfeita clareza, inalar o ar limpo era como expulsar uma infecção do meu corpo.

Eu estava são outra vez. Conseguia pensar de novo. Conseguia resistir de novo. Podia lutar contra o que não queria ser.

Eu não precisava ir até a casa dela. Eu não tinha que matá-la. Obviamente, eu era uma criatura racional e pensante, e tinha uma escolha. Sempre havia uma escolha.

Não era assim que eu tinha me sentido na sala de aula... mas agora eu estava longe dela.

Eu não *precisava* decepcionar meu pai. Não precisava estressar minha mãe, preocupá-la ou fazê-la sofrer. Sim, isso também magoaria minha mãe adotiva. E

ela era tão gentil, tão terna e amorosa... Fazer alguém como Esme sofrer era um crime realmente imperdoável.

Talvez, se eu evitasse essa garota com muito, muito cuidado, minha vida não precisasse mudar. Minha vida estava organizada da maneira que eu gostava. Por que deveria deixar uma garota qualquer irritante e deliciosa estragar isso?

Que ironia eu ter sentido vontade de proteger essa humana da ameaça insignificante e inofensiva que eram os pensamentos sarcásticos de Jessica Stanley. Eu era a última pessoa que poderia proteger Isabella Swan. Não havia nada no mundo que oferecesse mais perigo a ela do que eu.

Onde está Alice?, eu me perguntei de repente. Ela não tinha me visto matando a garota Swan de várias formas? Por que não veio ao meu socorro, para me impedir ou me ajudar a me livrar das provas? Ela estava tão distraída observando Jasper que não reparou nessa possibilidade muito mais terrível? Ou eu era mais forte do que pensava? Será que eu realmente não teria feito mal à garota?

Não. Eu sabia que isso não era verdade. Alice devia estar muito concentrada em Jasper.

Procurei na direção em que eu sabia que minha irmã estaria, no pequeno prédio usado para as aulas de literatura inglesa. Não demorei muito para localizar sua “voz” familiar. E eu estava certo. Todos os pensamentos dela estavam focados em Jasper, observando cada uma de suas pequenas escolhas com o máximo de escrutínio.

Tive vontade de pedir um conselho, mas, ao mesmo tempo, fiquei feliz por ela não saber do que eu era capaz. Senti um novo ardor tomar conta do meu corpo, mas, dessa vez, era apenas o calor da vergonha. Eu não queria que nenhum deles soubesse.

Se eu conseguisse evitar Bella Swan, se fosse capaz de não matar a garota — assim que pensei isso, porém, o monstro se contorceu e rangeu os dentes de frustração —, ninguém precisaria saber. Se eu conseguisse ficar longe do cheiro dela...

Bem, não havia motivo para não tentar. Fazer uma boa escolha. Tentar ser o que Carlisle achava que eu era.

A última hora de aula estava quase no fim. Decidi colocar meu novo plano em prática imediatamente. Era melhor do que ficar sentado no estacionamento, onde Bella poderia passar e estragar qualquer tentativa de autocontrole. Mais uma vez, senti aquele ódio injustificável pela garota.

Caminhei a passos rápidos — um pouco rápidos demais, mas não havia testemunhas por perto — pelo campus minúsculo até a secretaria da escola.

Estava vazia, exceto pela recepcionista, que não notou minha entrada silenciosa.

— Srta. Cope?

A mulher de cabelo ruivo artificial ergueu os olhos, assustada. Os humanos eram sempre pegos desprevenidos pelos pequenos sinais que não entendiam,

não importava quantas vezes já tivessem visto um de nós.

— Ah! — Ela ofegou, um pouco constrangida. Alisou a blusa. *Sua boba*, pensou ela. *Ele tem quase idade para ser seu filho*. — Olá, Edward. O que posso fazer por você? — Os cílios dela tremularam atrás dos óculos grossos.

Era uma situação desconfortável, mas eu sabia ser charmoso quando queria. Era fácil, porque eu descobria instantaneamente como qualquer tom ou gesto era interpretado.

Inclinei-me para a frente, encontrando seu olhar como se estivesse encarando profundamente seus olhos castanhos. Seus pensamentos já estavam agitados. Seria fácil.

— Gostaria de saber se poderia me ajudar com minha grade de horários — falei, com a voz suave que eu usava para não assustar os humanos.

Ouvi seu coração acelerar.

— Claro, Edward. Como posso ajudar?

Jovem demais, jovem demais, ela repetiu para si mesma.

Estava errada, é claro. Eu era mais velho que o avô dela.

— Eu queria saber se é possível trocar meu horário de biologia por uma aula das turmas mais avançadas. Física, talvez?

— Algum problema com o Sr. Banner, Edward?

— De jeito nenhum, é só que já estudei essa matéria...

— Na escola avançada em que todos vocês estudaram no Alasca. Entendi. — Seus lábios finos se contraíram enquanto ela considerava meu pedido. *Eles deviam estar na faculdade. Já ouvi os professores reclamarem. Notas perfeitas, nunca hesitam antes de responder uma pergunta, sempre acertam todas as questões dos testes... É como se tivessem encontrado um jeito de colar em todas as matérias. O Sr. Varner prefere acreditar que alguém está colando na prova de trigonometria a achar que um aluno é mais esperto do que ele. Aposto que a mãe deles dá aula em casa...* — O problema, Edward, é que a aula de física já está lotada. O professor odeia ter mais de vinte e cinco alunos na turma e...

— Eu não causaria problemas.

Claro que não. Afinal, os Cullen são perfeitos.

— Eu sei, Edward. Mas não há vaga na turma...

— Posso desistir da matéria, então? Não seria ruim ter um horário vago para estudar sozinho.

— Desistir da aula de biologia? — Ela ficou boquiaberta. *Isso é loucura. É tão difícil assim assistir à aula de uma matéria que você já sabe? Com certeza é algum problema com o Sr. Banner*. — Você não vai ter créditos suficientes para se formar.

— Ano que vem eu compenso o atraso.

— Talvez seja melhor você conversar com seus pais primeiro.

A porta atrás de mim se abriu, mas quem quer que fosse não pensou em mim, então ignorei sua chegada e me concentrei na Srta. Cope. Inclinei-me um pouco mais para a frente e a encarei ainda mais profundamente. Isso teria

funcionado melhor se meus olhos estivessem dourados em vez de pretos. A escuridão assustava as pessoas, como deveria ser.

A recepcionista se encolheu, confusa com seus instintos conflitantes.

— Por favor, Srta. Cope? — murmurei, com a voz o mais aveludada e convincente possível, e sua aversão momentânea diminuiu. — Não posso fazer em outro horário? Deve ter vaga sobrando em outra turma, não? Biologia no sexto tempo não pode ser a única opção...

Sorri para ela, tomando o cuidado de não mostrar dentes demais e acabar assustando-a de novo, e deixei a expressão suavizar meu rosto.

Seu coração acelerou. *Jovem demais*, lembrou a si mesma, frenética.

— Bem, acho que posso dar uma palavrinha com Bob... quer dizer, com o Sr. Banner. Vou ver se...

Um segundo foi suficiente para mudar tudo: o clima na sala, minha missão ali, o motivo pelo qual eu me inclinava na direção da mulher ruiva... O que antes tinha um propósito de repente ganhou outro.

Um segundo foi suficiente para Samantha Wells entrar na secretaria, colocar um aviso de atraso assinado em uma cesta e sair correndo, com pressa para ir embora da escola. Uma súbita lufada de ar entrou pela porta aberta e me atingiu, e eu percebi por que a primeira pessoa a entrar não havia me interrompido com seus pensamentos.

Eu me virei, embora não precisasse de confirmação.

Bella Swan estava com as costas apoiadas na parede ao lado da porta, segurando um papel. Seus olhos ficaram ainda maiores ao notar minha expressão feroz e desumana.

O cheiro do sangue dela impregnava cada molécula de ar naquela salinha aquecida. Minha garganta pegou fogo.

O monstro me encarou com raiva pelo espelho dos olhos dela outra vez, uma máscara do mal.

Minha mão hesitou sobre o balcão. Eu nem precisaria me virar para agarrar a cabeça da Srta. Cope e batê-la na mesa com força suficiente para matá-la. Duas vidas em vez de vinte. Uma bela troca.

O monstro aguardou ansiosamente, faminto, que eu fizesse isso.

Mas sempre havia uma escolha... *tinha* que haver.

Interrompi o fluxo de ar que entrava em meus pulmões e visualizei o rosto de Carlisle na minha frente. Voltei-me para a Srta. Cope e ouvi sua surpresa interna diante da minha mudança de expressão. Ela se afastou de mim, mas seu medo não foi expresso em palavras coerentes.

Usando todo o autocontrole que conquistei durante minhas décadas de abnegação, deixei minha voz serena e suave. Havia ar suficiente em meus pulmões para falar mais uma vez, com pressa.

— Então deixa pra lá. Estou vendo que é impossível. Muito obrigado por sua ajuda.

Eu me virei e disparei para fora da sala, tentando não sentir o calor do sangue quente de Bella quando passei a centímetros dela.

Não parei até chegar ao meu carro, andando rápido demais. A maioria dos humanos já tinha ido embora, então não havia muitas testemunhas. Ouvi um aluno do segundo ano, D. J. Garrett, perceber minha velocidade e então desconsiderá-la...

De onde o Cullen saiu? Ele apareceu do nada... Ah, lá vou eu de novo com minha imaginação fértil. Minha mãe sempre diz...

Quando entrei no Volvo, meus irmãos já estavam lá dentro. Tentei controlar minha respiração, mas enchi meus pulmões com ar fresco como se estivesse sufocando.

— Edward? — perguntou Alice, a voz preocupada.

Apenas balancei a cabeça.

— O que aconteceu com você? — quis saber Emmett, momentaneamente distraído-se do fato de Jasper não estar a fim de uma revanche.

Em vez de responder, dei marcha à ré no carro. Eu precisava sair do estacionamento antes que Bella Swan resolvesse me seguir até lá também. Meu próprio demônio pessoal me atormentando... Virei o carro e acelerei. Cheguei aos sessenta quilômetros por hora antes mesmo de sairmos do estacionamento. Na estrada, passei de cento e dez antes da primeira curva.

Mesmo sem olhar, soube que Emmett, Rosalie e Jasper tinham se virado para Alice. Ela deu de ombros. Não conseguia ver o passado, apenas o que estava por vir.

Alice vislumbrou meu futuro. Nós dois processamos o que ela viu em sua mente e ficamos surpresos.

— Você vai embora? — sussurrou ela.

Todos se viraram para mim.

— Vou? — perguntei, trincando os dentes.

Minha determinação vacilou, e ela viu a escolha que levaria meu futuro para uma direção mais sombria.

— Ah.

Bella Swan morta. Meus olhos brilhantes e vermelhos com o sangue fresco. A busca que se seguiria. O tempo que esperaríamos por cautela antes que fosse seguro sairmos de Forks e recomeçarmos a vida em outro lugar...

— Ah — repetiu ela.

A imagem ficou mais específica. Vi o interior da casa do chefe de polícia Swan pela primeira vez, vi Bella em uma cozinha pequena com armários amarelos, de costas para mim enquanto eu a observava das sombras, deixando-me ser guiado por seu perfume...

— Pare! — gemi, incapaz de suportar aquelas visões.

— Desculpe — sussurrou ela.

O monstro se alegrou.

A cena na mente de Alice mudou outra vez. Uma estrada vazia à noite, as árvores cobertas de neve passando em um borrão a mais de trezentos quilômetros por hora.

— Vou sentir saudade — disse Alice. — Mesmo que você não fique muito tempo longe.

Emmett e Rosalie trocaram um olhar apreensivo.

Estávamos quase na saída para a longa estrada que levava à nossa casa.

— Deixe a gente aqui — instruiu Alice. — Você devia contar para Carlisle pessoalmente.

Assenti, e o carro guinchou com a parada repentina.

Emmett, Rosalie e Jasper saíram em silêncio; eles fariam Alice explicar tudo quando eu tivesse ido embora. Alice colocou a mão em meu ombro.

— Você vai fazer a coisa certa. — Não era uma visão dessa vez, era uma ordem. — Ela é a única família que Charlie Swan tem. Isso o mataria também.

— Eu sei — falei, concordando apenas com a última parte.

Ela saiu para se juntar aos outros, as sobrancelhas franzidas de ansiedade. Os quatro desapareceram de vista na floresta antes que eu pudesse dar meia-volta com o carro.

Eu sabia que as visões na mente de Alice estariam passando de sombrias a luminosas como uma luz estroboscópica enquanto eu voltava para Forks a mais de cento e quarenta quilômetros por hora. Eu não sabia ao certo para onde estava indo. Dizer adeus ao meu pai? Ou aceitar o monstro dentro de mim? A estrada passou voando sob os pneus do carro.

2. LIVRO ABERTO

RECOSTEI-ME NO BANCO DE NEVE MACIO, DEIXANDO OS FLOCOS SECOS SE MOLDAREM ao redor do meu corpo. Minha pele havia esfriado de acordo com a temperatura do ar ao meu redor, e os pequenos fragmentos de gelo embaixo de mim eram como veludo.

O céu logo acima estava limpo, com estrelas reluzindo, um brilho azul em alguns pontos, amarelo em outros. Elas criavam formas majestosas em contraste com o pano de fundo preto do universo vazio; uma cena impressionante. Maravilhosamente bela. Ou melhor, deveria ter sido bela. Teria sido, se eu pudesse vê-la de verdade.

Eu não estava melhorando. Seis dias tinham se passado, seis dias em que me escondia na vastidão selvagem de Denali, porém eu não estava mais perto da liberdade agora do que estive no momento em que senti o cheiro dela.

Quando olhei para o céu pontilhado de joias, era como se houvesse uma barreira entre meus olhos e aquela beleza. A barreira era um rosto, um rosto humano normal, mas eu não conseguia tirá-lo da cabeça.

Ouvi os pensamentos se aproximarem antes mesmo de ouvir os passos que os acompanhavam. O movimento não passava de um leve sussurro em comparação com a neve fresca.

Não fiquei surpreso por Tanya ter me seguido até ali. Eu sabia que ela passara os últimos dias refletindo sobre a conversa que estávamos prestes a ter, adiando-a até ter certeza do que queria dizer.

Ela surgiu a cerca de sessenta metros de distância, pulando para a ponta de uma rocha negra e equilibrando-se na ponta dos pés descalços.

A pele de Tanya parecia prateada à luz das estrelas, iluminando seus longos cachos louros e pálidos, quase ruivos. Os olhos cor de âmbar brilharam quando ela me viu um pouco enterrado na neve, e os lábios grossos se esticaram de leve em um sorriso.

Linda. *Se eu tivesse sido capaz de vê-la de verdade. Suspirei.*

Ela não se vestira para olhos humanos. Usava apenas uma blusa fina sem mangas e um short. Agachada sobre a pedra, ela se apoiou nas pontas dos dedos e contraiu os músculos.

Bala de canhão, pensou ela.

Tanya se lançou no ar. Sua silhueta se tornou uma sombra escura e sinuosa enquanto girava graciosamente entre mim e as estrelas. Ela se encolheu logo antes de aterrissar no banco de neve ao meu lado.

Uma mininevasca me cobriu. As estrelas sumiram, e fui enterrado no fundo dos cristais de gelo leves.

Suspirei de novo, respirando gelo, mas não me mexi para sair dali. A escuridão sob a neve não atrapalhou nem melhorou a vista. Eu continuava vendo o mesmo rosto.

— Edward?

A neve voou outra vez quando Tanya me desenterrou rapidamente. Em seguida ela varreu os flocos da minha pele, com suavidade e evitando encontrar meu olhar.

— Desculpe — murmurou ela. — Foi uma brincadeira.

— Eu sei. Foi engraçado.

Sua boca se contorceu.

— Irina e Kate disseram que eu deveria deixar você em paz. Achrom que estou incomodando.

— Claro que não — tranquilizei-a. — Pelo contrário, eu que estou sendo rude, terrivelmente rude. Desculpe.

Você vai voltar para casa, não vai?, pensou ela.

— Ainda não... ainda não me decidi sobre isso.

Mas você não vai ficar aqui. Seu pensamento ficou melancólico.

— Não. Não parece estar... ajudando.

Seus lábios formaram um beicinho.

— A culpa é minha, não é?

— Claro que não.

Ela não havia facilitado as coisas, é claro, mas o rosto que me assombrava era o único impedimento real.

Não precisa ser um cavalheiro, Edward.

Sorri.

Eu deixo você desconfortável, declarou ela.

— Não.

Tanya ergueu uma das sobrancelhas, a expressão tão incrédula que tive que rir. Uma risada curta, seguida por outro suspiro.

— Tudo bem — admiti. — Um pouco.

Ela suspirou também e apoiou o queixo nas mãos.

— Você é mil vezes mais linda do que as estrelas, Tanya — falei. — Claro que já sabe muito bem disso. Por favor, não deixe minha teimosia minar sua confiança.

Eu ri ao pensar em como *isso* seria improvável.

— Não estou acostumada a ser rejeitada — resmungou ela, o lábio inferior se projetando em um biquinho sedutor.

— Claro que não — concordei, tentando com pouco sucesso bloquear seus pensamentos enquanto ela se perdia momentaneamente nas lembranças de milhares de conquistas bem-sucedidas.

Tanya preferia homens humanos; estavam em maior número, para início de conversa, e tinham a vantagem de serem macios e quentes. E estavam sempre dispostos, sem dúvida.

— Súcubo — provoquei, na esperança de interromper as imagens passando por sua mente.

Ela sorriu, mostrando os dentes.

— A própria.

Ao contrário de Carlisle, Tanya e as irmãs tinham demorado para desenvolver aquela consciência. No fim, foi o amor aos humanos que fez com que pusessem um ponto final no massacre. Dali por diante, os homens que elas amavam... passaram a viver.

— Quando você apareceu aqui — disse Tanya devagar —, eu achei que...

Eu sabia o que ela havia achado. E deveria ter imaginado que ela se sentiria daquela forma. Mas meu raciocínio não estava em seu melhor momento quando tomei a decisão de ir para lá.

— Você achou que eu tinha mudado de ideia.

— Achei.

Ela fez uma careta.

— Eu me sinto péssimo por alimentar falsas esperanças, Tanya. Não foi minha intenção, eu... Eu não estava pensando com clareza. Saí com muita pressa.

— E imagino que você não pretenda me contar por quê...

Sentei-me e cruzei os braços, os ombros rígidos.

— Prefiro não falar sobre o assunto. Por favor, perdoe minha discricção.

Ela ficou em silêncio outra vez, ainda especulando. Eu a ignorei, tentando em vão apreciar as estrelas.

Ela desistiu após alguns instantes, e seus pensamentos seguiram uma nova direção.

Para onde você vai, Edward, se for embora? Vai voltar para Carlisle?

— Acho que não — sussurrei.

Para onde eu iria? Não conseguia pensar em um único lugar no planeta inteiro que me interessasse. Não havia nada que eu quisesse ver ou fazer. Porque não importava para onde fosse, eu não estaria *indo* a lugar nenhum... Estaria apenas *fugindo*.

Eu odiava isso. Quando foi que me tornei tão covarde?

Tanya passou o braço fino pelos meus ombros. Enrijei, mas não rejeitei seu toque. Sua intenção era oferecer um conforto amigável. Pelo menos, em grande parte.

— Acho que você *vai* voltar — disse ela, com apenas um leve resquício do sotaque russo havia muito perdido. — Não importa o que... ou quem... estiver assombrando você. Vai encarar a situação de frente. Você é assim.

Seus pensamentos tinham a mesma confiança de suas palavras. Tentei abraçar a visão de mim mesmo que ela enxergava. Alguém que encara as

situações de frente. Era agradável me imaginar assim outra vez. Eu nunca tinha duvidado da minha coragem, da minha capacidade de enfrentar as dificuldades, até aquele momento terrível em uma aula de biologia do ensino médio.

Beijei sua bochecha, me afastando rapidamente quando ela virou o rosto para o meu. Ela abriu um sorriso contrariado diante da minha reação.

— Obrigado, Tanya. Eu precisava ouvir isso.

Seus pensamentos se tornaram petulantes.

— De nada, eu acho. Queria que você fosse mais sensato, Edward.

— Desculpe, Tanya. Você sabe que é boa demais para mim. Eu só... ainda não encontrei o que estou procurando.

— Bem, se você for embora antes de nos encontrarmos de novo... Adeus, Edward.

— Adeus, Tanya. — Conforme eu dizia essas palavras, visualizei aquela cena. Me vi indo embora. Sendo forte o suficiente para voltar ao único lugar onde eu queria estar. — Mais uma vez, obrigado.

Ela se pôs de pé em um movimento ágil e então fugiu, atravessando a neve com tanta rapidez que seus pés nem tiveram tempo de afundar. Ela não deixou pegadas. Não olhou para trás. Minha rejeição a incomodava mais do que deixara transparecer, mesmo em seus pensamentos. Ela não queria me ver de novo antes de eu ir embora.

Minha boca se contorceu. Eu não gostava de magoar Tanya, embora seus sentimentos não fossem profundos, muito menos puros e, de qualquer maneira, eu não pudesse retribuí-los. Ainda assim, eu não me sentia um cavalheiro.

Apoiei o queixo nos joelhos e olhei para as estrelas de novo, embora, de repente, estivesse ansioso para ir embora. Eu sabia que Alice me veria voltar para casa, que ela contaria aos outros. Isso os deixaria felizes, em especial Carlisle e Esme. Mas olhei para as estrelas por mais um instante, tentando ver além do rosto em minha mente. Entre mim e as luzes brilhantes no céu, um par de olhos castanhos perplexos se questionava sobre meus motivos, parecendo perguntar o que essa decisão significaria para *ela*. Claro que eu não tinha certeza de que essas eram de fato as informações que seus olhos curiosos buscavam. Mesmo na minha imaginação, eu não ouvia seus pensamentos. Os olhos de Bella Swan continuaram me questionando, e uma vista perfeita das estrelas permaneceu impossível. Suspirando fundo, desisti e me levantei. Se eu corresse, estaria junto de Carlisle em menos de uma hora.

Com pressa de rever minha família — e querendo muito ser o Edward que encarava as situações de frente —, corri pelo campo coberto de neve e iluminado pelas estrelas, sem deixar pegadas.

* * *

— Vai ficar tudo bem — disse Alice, baixinho.

Seus olhos não estavam focados em nada, e Jasper segurava seu cotovelo, guiando-a ao entrarmos no refeitório, muito próximos uns dos outros. Rosalie e Emmett iam na frente, e por mais ridículo que fosse Emmett parecia um guarda-costas no meio de um território hostil. Rose também agia com cautela, só que sua postura era muito mais irritada do que protetora.

— Claro que vai — resmunguei.

O comportamento deles era absurdo. Se eu não acreditasse que seria capaz de lidar com aquilo, teria ficado em casa.

Nossa manhã tinha sido normal e até divertida. Havia nevado durante a noite, e Emmett e Jasper tinham aproveitado minha distração para me bombardear com bolas de neve; quando ficaram entediados com minha falta de reação, eles se voltaram um contra o outro. Mas a mudança repentina para aquela vigilância exagerada teria sido cômica se não fosse tão irritante.

— Ela ainda não chegou, mas, pelo lado que vai entrar, não deve ficar a favor do vento se nos sentarmos no nosso lugar de sempre.

— É claro que vamos nos sentar no nosso lugar de sempre. Pare com isso, Alice. Você está me dando nos nervos. Eu vou ficar bem.

Ela piscou uma vez quando Jasper a ajudou a se sentar e seus olhos finalmente focaram meu rosto.

— Hmm... — disse ela, parecendo surpresa. — Acho que você está certo.

— *Claro* que estou — murmurei.

Eu odiava ser o foco da preocupação deles. Senti uma súbita compaixão por Jasper, lembrando-me de todas as vezes que o cercamos dessa forma superprotetora. Ele encontrou meu olhar por um instante e sorriu.

Irritante, não é?

Olhei feio para ele.

Como era possível que apenas uma semana antes aquele refeitório comprido e sem graça me parecesse tão chato? Que estar aqui fosse quase como dormir, como estar em coma?

Meus nervos estavam à flor da pele, tensos como cordas de piano, prestes a soar diante de qualquer pressão. Meus sentidos estavam em alerta; eu examinava cada som, cada cena, cada corrente de ar que tocava minha pele, cada pensamento. Sobretudo os pensamentos. Havia apenas um sentido que eu mantinha inativo, que me recusava a usar. O olfato, é claro. Eu não estava respirando.

Eu esperava ouvir mais sobre os Cullen nos pensamentos que estava examinando. Tinha passado o dia todo esperando, à procura do novo conhecido para quem Bella Swan pudesse ter confidenciado algo, tentando ver a direção que as novas fofocas tomariam. Mas não havia nada. Ninguém tinha reparado especificamente nos cinco vampiros no refeitório, como acontecia antes de a garota chegar. Vários humanos ainda pensavam nela, ruminando os mesmos pensamentos da semana passada. Em vez de achar isso uma chatice descomunal, dessa vez eu estava fascinado.

Ela não tinha falado sobre mim para ninguém?

Não havia como ela não ter notado meu olhar sombrio e assassino. Eu tinha visto a reação dela. Sem dúvida, traumatizada. Eu estava convencido de que Bella mencionara o ocorrido a alguém, talvez até tivesse exagerado um pouco a história para melhorá-la. Eu ganharia algumas falas ameaçadoras.

E ela também tinha me visto tentando sair da aula de biologia que fazíamos juntos. Bella devia ter se perguntado, depois de ver minha expressão, se fora ela quem a provocara. Uma garota normal teria feito perguntas, comparado sua experiência com a de outras pessoas, procurado algo em comum que explicasse meu comportamento, para que ela não se sentisse diferente. Os seres humanos estavam sempre desesperados para se sentirem normais, para se encaixarem, para se misturarem a todos ao seu redor, feito um rebanho de ovelhas. Essa necessidade era ainda mais forte durante os anos inseguros da adolescência. Essa garota não seria exceção à regra.

Mas ninguém reparou em nosso grupo sentado ali, na mesa de sempre. Bella devia ser excepcionalmente tímida se não havia contado a ninguém. Talvez tivesse falado com o pai; talvez esse fosse seu relacionamento mais forte... embora parecesse improvável, afinal ela havia passado tão pouco tempo com ele durante a vida. Ela seria mais próxima da mãe. Ainda assim, em breve eu teria que passar pelo chefe Swan e ouvir o que ele estava pensando.

— Alguma novidade? — perguntou Jasper.

Eu me concentrei, permitindo que todos os pensamentos invadissem minha mente de novo. Nada me chamou atenção; ninguém estava pensando em nós. Apesar de todo o meu questionamento anterior, não parecia haver nada de errado com minhas habilidades, exceto pela garota silenciosa. Eu tinha dividido minhas preocupações com Carlisle ao voltar, mas ele só ouvira falar de talentos que aumentavam com a prática, e não que se atrofiavam.

Jasper esperou minha resposta, impaciente.

— Nada. Ela... não deve ter falado nada.

Todos ergueram as sobrancelhas ao ouvir a notícia.

— Talvez você não seja tão assustador quanto pensa — disse Emmett, rindo.

— Aposto que *eu* a teria assustado bem mais.

Revirei os olhos.

— Faz ideia do motivo...? — perguntou ele, se referindo à minha revelação sobre o silêncio incomum da garota.

— Nós já discutimos isso. Eu *não* sei.

— Ela está chegando — murmurou Alice. Fiquei imóvel. — Tentem parecer humanos.

— Humanos, é? — perguntou Emmett.

Ele ergueu o punho direito, virando os dedos para revelar a bola de neve que trazia escondida na palma da mão. Não havia derretido; ele a moldara em um bloco de gelo irregular. Estava olhando para Jasper, mas vi a direção de seus pensamentos. Alice também, é claro. Quando ele jogou o pedaço de gelo em sua

direção, ela o afastou para longe com um gesto casual. O gelo ricocheteou até o outro lado do refeitório, rápido demais para ser visto por olhos humanos, e quebrou com um estrondo ao atingir a parede de tijolos. O tijolo também rachou.

As cabeças naquele canto do refeitório se viraram na direção da pilha de gelo quebrado no chão e então começaram a procurar o responsável. Mas não foram além de algumas poucas mesas de distância. Ninguém olhou para nós.

— Muito humano, Emmett — disse Rosalie em tom irônico. — Por que não aproveita e quebra a parede com um soco?

— Seria mais impressionante se você fizesse isso, linda.

Tentei prestar atenção neles, mantendo o sorriso como se eu fosse parte da brincadeira. Não me permiti olhar para a fila onde sabia que ela estava parada. Mas eu só ouvia os pensamentos vindos dali.

Ouvi a impaciência de Jessica com a garota nova, que também parecia distraída, parada na fila que tinha começado a andar. Vi nos pensamentos de Jessica que as bochechas de Bella Swan estavam coradas mais uma vez.

Inspirei um pouco de ar, o mais rápido que pude, pronto para prender o fôlego caso qualquer indício de seu cheiro tocasse o ar perto de mim.

Mike Newton estava junto das duas. Ouvei as vozes dele, a mental e a verbal, quando perguntou a Jessica qual era o problema com a menina Swan. Era desagradável como seus pensamentos giravam em torno dela, o lampejo de fantasias já estabelecidas que nublavam sua mente enquanto ele a observava se sobressaltar e sair de seu devaneio, como se tivesse esquecido que ele estava ali.

— Nada — disse Bella, com sua voz calma e clara. Parecia ressoar por cima do burburinho do refeitório, mas eu sabia que era só porque eu estava ouvindo com toda a atenção. — Só vou querer refrigerante hoje — continuou ela, voltando a acompanhar a fila.

Não resisti e olhei na direção dela. Bella estava fitando o chão, aos poucos seu rosto voltava à cor normal. Desviei o olhar rapidamente para Emmett, que riu da minha expressão ao mesmo tempo sorridente e sofrida.

Você está parecendo doente, irmão.

Controlei minhas feições para que minha expressão parecesse descontraída e despreocupada.

Jessica estava comentando em voz alta sobre a falta de apetite da garota.

— Não está com fome?

— Na verdade, estou meio enjoada. — Sua voz estava mais baixa, porém ainda bem audível.

Por que fiquei incomodado com a preocupação que de repente tomou os pensamentos de Mike Newton? E daí se havia certa possessividade neles? Não era da minha conta se Mike Newton sentia uma preocupação desnecessária por Bella. Talvez fosse a reação de todos em relação a ela. Eu também não quis, instintivamente, protegê-la? Quer dizer, antes de querer matá-la?

Mas *será* que Bella estava doente?

Era difícil dizer. Ela parecia tão frágil com sua pele quase transparente... Então percebi que estava preocupado, assim como aquele garoto idiota, e me forcei a não pensar na saúde dela.

De qualquer maneira, eu não estava gostando de monitorá-la pelos pensamentos de Mike. Mudei para os de Jessica, observando com toda a atenção enquanto os três decidiam onde sentar. Felizmente, optaram pelos companheiros habituais de Jessica, em uma das primeiras mesas do refeitório. Não estavam a favor do vento, como Alice prometera.

Alice me deu uma cotovelada. *Ela vai olhar daqui a pouco. Aja como um humano.*

Abri um sorriso contrariado, com os dentes cerrados.

— Relaxa, Edward — disse Emmett. — Sério, e daí se você matar *uma* humana? Não é o fim do mundo.

— Você sabe bem disso — murmurei.

Emmett riu.

— Você precisa aprender a superar as coisas. Que nem eu. A eternidade é longa demais para viver se culpando.

Nesse momento, Alice pegou um pouco do gelo que estivera escondendo e jogou no rosto de Emmett, que foi pego desprevenido.

Ele piscou, surpreso, e depois sorriu com expectativa.

— Agora é guerra — disse, debruçando-se na mesa e balançando o cabelo coberto de gelo na direção dela.

A neve começou a derreter no refeitório aquecido e voou de seu cabelo em uma chuva de pedacinhos de gelo.

— Eca! — reclamou Rose quando ela e Alice se encolheram diante do dilúvio.

Alice riu, e todos nos juntamos a ela. Vi em sua mente que Alice havia orquestrado com perfeição aquele momento, e eu soube então que a garota — eu deveria parar de pensar nela assim, como se fosse a única do mundo —, *Bella*, estaria nos observando rir e brincar, parecendo tão felizes, humanos e irrealisticamente perfeitos quanto uma pintura de Norman Rockwell.

Alice continuou rindo e ergueu a bandeja como um escudo. A garota — Bella — ainda devia estar olhando para nós.

... olhando para os Cullen de novo, pensou alguém, chamando minha atenção.

Olhei automaticamente na direção daquele chamado não intencional, sem dificuldades para reconhecer a voz quando meus olhos encontraram a fonte. Eu tinha passado muito tempo ouvindo-a hoje.

Mas meus olhos passaram direto por Jessica e se concentraram no olhar penetrante de Bella.

Ela olhou para baixo na mesma hora, escondendo-se atrás do cabelo grosso mais uma vez.

O que ela estava pensando? A frustração parecia ficar mais intensa com o passar do tempo, em vez de diminuir. Tentei — hesitante, pois nunca tinha

feito isso — sondar o silêncio ao redor dela com minha mente. Minha audição extra sempre foi algo natural, sem qualquer intenção. Nunca tive que me esforçar. Mas me concentrei, tentando romper qualquer armadura que a cercasse.

Nada além de silêncio.

O que essa garota tem de tão especial?, pensou Jessica, ecoando minha irritação.

— Edward Cullen está olhando para você — sussurrou ela no ouvido da menina Swan, com uma risadinha.

Não havia qualquer indício de irritação ou ciúme em seu tom de voz. Jessica parecia ser boa em fingir amizade.

Escutei, com um excesso de atenção, a resposta da garota.

— Ele não parece estar com raiva, parece? — sussurrou ela de volta.

Então ela *tinha* notado minha reação selvagem na semana passada. Claro que sim.

A pergunta confundiu Jessica. Vi meu rosto em seus pensamentos quando ela conferiu minha expressão, mas não fiz contato visual. Eu ainda estava concentrado na garota, tentando ouvir *alguma coisa*. Mas toda aquela concentração não parecia ajudar em nada.

— Não — respondeu Jessica, e eu soube que ela queria poder dizer sim. O fato de eu ter olhado para Bella claramente a irritava, embora não houvesse qualquer sinal disso em sua voz. — Deveria estar?

— Acho que ele não gosta de mim — sussurrou a garota, apoiando a cabeça no braço como se estivesse cansada de repente.

Tentei decifrar o gesto, mas só me restavam palpites. Talvez ela estivesse *mesmo* cansada.

— Os Cullen não gostam de ninguém — tranquilizou-a Jessica. — Bom, eles não percebem a presença de ninguém para gostar. — *Pelo menos, não costumavam perceber*. O pensamento dela era uma queixa. — Mas ele ainda está olhando para você.

— Pare de olhar para ele — disse a garota em um tom ansioso, erguendo a cabeça para ter certeza de que Jessica obedeceria à ordem.

Jessica riu, mas fez o que ela pediu.

Bella não desviou o olhar da mesa em que estava até o fim do horário de almoço. Imaginei — embora, é claro, não pudesse ter certeza — que fosse algo deliberado. Parecia que ela queria olhar para mim. Seu corpo se virava de leve na minha direção, o queixo começava a girar, e então ela parava, respirava fundo e olhava fixamente para quem estivesse falando.

Ignorei a maior parte dos outros pensamentos ao redor da garota, porque não eram, no momento, sobre ela. Mike Newton estava planejando uma guerra de bolas de neve no estacionamento depois da aula, parecendo não perceber que a neve já havia se transformado em chuva. O impacto dos flocos macios caindo no telhado tinha mudado para o tamborilar mais comum das gotas de chuva. Ele realmente não tinha escutado a mudança? Parecia tão óbvia para mim.

Quando o horário do almoço acabou, continuei sentado à mesa. Os humanos saíram, e eu fiquei tentando distinguir a diferença entre o som dos passos dela e o dos demais, como se houvesse algo importante ou incomum neles. Que estupidez.

Minha família também não fez menção de sair. Estavam esperando para ver o que eu faria.

Será que eu deveria ir para a aula e sentar-me ao lado da garota, onde eu sentiria o cheiro absurdamente potente de seu sangue e o calor de sua pulsação no ar envolvendo minha pele? Será que eu era forte o bastante para isso? Ou já tivera o suficiente por um dia?

Já havíamos discutido esse momento em família. Carlisle não aprovava o risco, mas não ia me impor sua vontade. Jasper desaprovava tanto quanto ele, porém mais por medo de nos expor do que por se importar com os humanos. A única preocupação de Rosalie era como isso poderia afetar sua vida. Já Alice viu tantos futuros obscuros e conflitantes que, estranhamente, suas visões pareceram até mesmo inúteis. Esme acreditava que eu não poderia fazer nada de errado. E Emmett só queria comparar a situação a suas histórias envolvendo aromas particularmente atraentes. Ele dividiu suas recordações com Jasper, mas o histórico de autocontrole de Jasper era tão curto e instável que ele não tinha certeza de um dia já ter enfrentado uma situação como aquela. Emmett, por outro lado, se lembrou de dois incidentes parecidos. Suas lembranças não eram nada animadoras. No entanto, ele era mais jovem na época, tinha pouca familiaridade com o autocontrole, e certamente eu era mais forte.

— Eu... *acho* que não tem problema — disse Alice, hesitante. — Você está decidido. *Acho* que vai aguentar mais uma hora.

Mas Alice sabia bem a rapidez com que uma pessoa poderia mudar de ideia.

— Por que forçar a barra, Edward? — perguntou Jasper. Embora ele não quisesse parecer presunçoso por eu ser o mais fraco agora, em seus pensamentos ele se sentia assim, só um pouco. — Volte para casa. Vá com calma.

— Qual é o problema? — interpôs Emmett. — Ou ele vai matar a garota ou não vai. É melhor acabar logo com isso, de um jeito ou de outro.

— Eu não quero me mudar ainda — reclamou Rosalie. — Não quero começar de novo. Estamos quase terminando o ensino médio, Emmett. *Finalmente*.

Eu também estava dividido. Queria muito encarar isso de frente, em vez de fugir de novo. Mas também não queria ir longe demais. Na semana passada, tinha sido um erro Jasper ficar tanto tempo sem caçar; será que agora eu estava cometendo o mesmo erro?

Eu não queria forçar minha família a se mudar. Nenhum deles ficaria feliz comigo se isso acontecesse.

Mas queria ir para a aula de biologia. Percebi que queria ver o rosto dela outra vez.

Foi isso que decidi por mim. A curiosidade. Eu sentia raiva por estar curioso. Não havia prometido a mim mesmo que não deixaria o silêncio da mente de Bella despertar um interesse injustificável em mim? E, no entanto, ali estava eu, com um interesse injustificável.

Eu queria saber o que ela estava pensando. Sua mente estava fechada, mas seus olhos eram muito cristalinos. Talvez eu pudesse lê-los.

— Não, Rose, acho que vai ficar tudo bem — repetiu Alice. — Está se... firmando. Tenho noventa e três por cento de certeza de que nada de ruim vai acontecer se Edward for para a aula. — Ela olhou para mim, curiosa, perguntando-se o que havia mudado em meus pensamentos para tornar sua visão do futuro mais segura.

Será que a curiosidade bastaria para manter Bella Swan viva?

Mas Emmett estava certo. Por que não acabar logo com aquilo, de um jeito ou de outro? Eu enfrentaria a tentação.

— Vão para a aula — ordenei, afastando-me da mesa.

Fui embora sem olhar para trás. Ouvi a preocupação de Alice, a censura de Jasper, a aprovação de Emmett e a irritação de Rosalie às minhas costas.

Respirei fundo uma última vez diante da porta da sala de aula e prendi o ar em meus pulmões enquanto adentrava o espaço pequeno e quente.

Eu não estava atrasado. O Sr. Banner ainda preparava tudo para o laboratório do dia. A garota estava sentada na minha... na *nossa* mesa, o rosto voltado para baixo de novo, olhando para o caderno em que estava rabiscando. Examinei o esboço ao me aproximar, interessado até naquela criação trivial de sua mente, mas não havia qualquer significado especial. Eram apenas rabiscos aleatórios, curvas dentro de curvas. Talvez ela não estivesse se concentrando no padrão, mas pensando em outra coisa...

Puxei minha cadeira para trás com mais força que o necessário, deixando-a arrastar no piso. Os humanos sempre ficavam mais confortáveis quando o barulho anunciava a chegada de alguém.

Eu sabia que ela me ouvira; Bella não olhou para cima, mas sua mão hesitou numa das curvas que estava desenhando, tornando-as despadronizadas.

Por que ela não queria olhar para mim? Devia estar assustada. Eu precisava deixá-la com uma boa impressão daquela vez. Fazê-la pensar que tinha imaginado coisas no outro dia.

— Oi — falei, na voz calma que eu usava quando queria deixar os humanos mais à vontade, abrindo um sorriso educado sem mostrar os dentes.

Ela olhou para cima, os grandes olhos castanhos assustados e cheios de perguntas. Era a mesma expressão que vinha obstruindo minha visão desde a semana anterior.

Enquanto eu olhava para aqueles olhos castanhos estranhamente profundos — a cor era a mesma do chocolate ao leite, mas a clareza era mais parecida com a do chá preto; havia profundidade e transparência; perto das pupilas, vi pequenas manchas de verde-ágata e caramelo —, percebi que meu ódio, o ódio

que imaginei que essa garota merecia de alguma forma apenas por existir, tinha evaporado. Sem respirar, sem sentir o cheiro dela, achei difícil acreditar que alguém tão vulnerável merecesse tal sentimento.

As bochechas dela começaram a corar e ela não respondeu.

Mantive os olhos fixos nos dela, focando apenas em sua profundidade curiosa, e tentei ignorar a cor apetitosa de sua pele. Eu tinha fôlego suficiente para falar um pouco mais sem respirar.

— Meu nome é Edward Cullen — falei, embora ela já soubesse. Era a forma mais educada de começar aquela conversa. — Não tive a oportunidade de me apresentar na semana passada. Você deve ser Bella Swan.

Ela pareceu confusa; lá estava aquele franzido discreto entre seus olhos outra vez. Bella levou meio segundo a mais do que deveria para responder.

— Co-como você sabe meu nome? — questionou ela, a voz um pouco trêmula.

Devo tê-la assustado de verdade, e isso fez com que eu me sentisse culpado. Dei um risinho; era um som que eu sabia que deixava os humanos mais à vontade.

— Ah, acho que todo mundo sabe seu nome. — Sem dúvida ela devia ter percebido que se tornara o centro das atenções naquela escola monótona. — A cidade toda estava esperando você chegar.

Ela franziu a testa, como se aquela informação fosse desagradável. Sendo tímida como parecia ser, supus que a atenção seria considerada ruim. A maioria dos humanos sentia o contrário. Ao mesmo tempo que não queriam se destacar do rebanho, muitos almejavam ter algum reconhecimento por sua singularidade.

— Não — disse ela. — Quer dizer, por que me chamou de Bella?

— Prefere Isabella? — perguntei, perplexo por não saber aonde aquela conversa ia chegar.

Fiquei sem entender. Ela deixara sua preferência clara várias vezes naquele primeiro dia. Será que eu acharia todos os humanos igualmente incompreensíveis sem ter acesso a seus pensamentos para servir de guia? Pelo visto, eu devia confiar muito no meu sentido extra. Será que ficaria completamente às cegas sem ele?

— Não, gosto de Bella — respondeu ela, inclinando de leve a cabeça para o lado. Sua expressão, se eu a estava interpretando corretamente, estava dividida entre vergonha e confusão. — Mas acho que Charlie... quer dizer, meu pai... deve me chamar de Isabella pelas minhas costas... É como todo mundo aqui me conhece.

Sua pele ficou um tom mais rosado.

— Ah — falei, sem saber o que dizer, e desviei o olhar do rosto dela.

Tinha acabado de perceber o que as perguntas dela significavam: que eu havia cometido um deslize, um erro. Se não estivesse espionando os outros naquele primeiro dia, a teria chamado de Isabella. E ela percebeu.

Senti uma pontada de desconforto. Foi muito perspicaz da parte dela reparar no meu deslize. Muito astuto, ainda mais para alguém que deveria estar aterrorizada perto de mim.

Mas eu tinha problemas maiores do que quaisquer suspeitas que ela pudesse ter sobre mim escondidas nas profundezas de sua mente.

Eu estava sem ar. Se fosse falar com ela de novo, teria que respirar.

Seria difícil ficar sem falar. Infelizmente para Bella, dividir a mesa comigo a transformava na minha dupla de laboratório, e teríamos que trabalhar juntos. Seria estranho — e uma grosseria imensa — se eu a ignorasse enquanto fazíamos o experimento. Isso a deixaria mais desconfiada, com mais medo.

Eu me afastei o máximo possível sem sair da minha cadeira, virando o rosto para o corredor. Eu me preparei, travando meus músculos, e então enchi o peito de ar, respirando apenas pela boca.

Ahh!

Foi excruciante, como se eu estivesse engolindo brasas. Mesmo sem cheirá-la, eu sentia seu gosto em minha língua. O desejo era tão forte quanto no primeiro instante em que senti seu cheiro na semana passada.

Cerrei os dentes e tentei me recompor.

— Podem começar — ordenou o Sr. Banner.

Precisei de todo o autocontrole que cultivei ao longo de setenta e quatro anos de trabalho árduo para me virar para a garota, que estava encarando a mesa, e sorrir.

— Primeiro as damas, parceira? — sugeri.

Ela olhou para mim, e seu rosto ficou impenetrável. Havia alguma coisa errada? Nos olhos dela, vi o reflexo da minha expressão habitual de quando queria me mostrar amigável aos humanos. A farsa parecia perfeita. Ela estava com medo de novo? Bella não respondeu.

— Ou eu posso começar, se preferir — falei baixinho.

— Não — disse ela, e seu rosto passou de pálido para vermelho de novo. — Eu começo.

Olhei para o equipamento na mesa — o microscópio velho, a caixa de lâminas — em vez de observar o fluxo de sangue aumentar e diminuir sob a pele clara dela. Inspirei rapidamente pela boca e estremei quando o gosto queimou o fundo da minha garganta.

— Prófase — disse Bella após um rápido exame.

Ela começou a remover a lâmina, embora mal a tivesse examinado.

— Importa-se se eu olhar?

Instintivamente — estupidamente, como se eu fosse um deles — estendi a mão para impedi-la de remover a lâmina. Por um segundo, o calor de sua pele ardeu na minha. Foi como um pulso elétrico; o calor atravessou meus dedos e subiu pelo braço. Ela puxou a mão para longe.

— Desculpe — murmurei. Precisando olhar para algum lugar, peguei o microscópio e olhei de relance. Ela estava certa. — Prófase.

Eu ainda estava agitado demais para encará-la. Respirando o mais silenciosamente possível e tentando ignorar a sede queimando a garganta, concentrei-me na tarefa da aula, escrevendo a palavra na linha certa do relatório de laboratório e depois trocando a primeira lâmina pela segunda.

O que ela estava pensando naquele instante? Como foi para ela quando toquei sua mão? Minha pele devia estar gelada... repulsiva. Não era à toa que ela estava tão quieta.

Olhei para a lâmina.

— Anáfase — falei para mim mesmo enquanto escrevia na segunda linha.

— Posso? — pediu ela.

Ergui os olhos, e foi uma surpresa encontrá-la esperando, a mão estendida para o microscópio. Ela *não parecia* estar com medo. Achava mesmo que eu tinha errado a resposta?

Não pude deixar de sorrir diante daquela expressão esperançosa enquanto empurrava o microscópio em sua direção.

Ela olhou pela ocular com uma ansiedade que logo desapareceu. Os cantos da boca se voltaram para baixo.

— Lâmina três? — pediu, sem erguer os olhos do microscópio, estendendo a mão.

Deixei a próxima lâmina cair em sua palma, dessa vez evitando encostar nela. Estar sentado ao seu lado era como estar perto de uma lâmpada de aquecimento. Eu sentia a temperatura do meu corpo aumentando um pouco.

Ela não olhou para a lâmina por muito tempo.

— Intérfase — disse a garota com indiferença, talvez se esforçando um pouco para passar essa impressão, e empurrou o microscópio para mim.

Ela não tocou no relatório, esperando que eu escrevesse a resposta. Verifiquei. Ela estava certa de novo.

Terminamos o experimento assim, falando uma palavra de cada vez, sem nos encararmos. Nós éramos os únicos; os outros alunos estavam tendo mais dificuldade com a tarefa. Mike Newton parecia estar com problemas para se concentrar, distraído observando Bella e eu.

Quem me dera ele não tivesse voltado, pensou Mike, com um olhar raivoso.

Interessante. Eu não tinha percebido qualquer má vontade do garoto em relação a mim antes. Era uma novidade, tão recente quanto a chegada da garota, ao que parecia. Ainda mais interessante, descobri — para minha surpresa — que o sentimento era mútuo.

Olhei para Bella de novo, perplexo com o grande número de reviravoltas e confusões que, apesar de sua aparência comum e pouco ameaçadora, ela estava provocando em minha vida.

Não era que eu não conseguisse entender o que Mike via nela. A garota era até bonita para uma humana, de um jeito incomum. Melhor do que belo, seu rosto era... inesperado. Não era tão simétrico: seu queixo estreito não combinava com as maçãs do rosto largas; a pele clara e o cabelo escuro eram

extremos contrastantes; e então havia os olhos grandes demais para o rosto, repletos de segredos silenciosos...

Olhos que de repente encaravam os meus.

Olhei para ela, tentando adivinhar ao menos um desses segredos.

— Você usa lentes de contato? — perguntou ela de repente.

Que pergunta estranha.

— Não.

Quase sorri diante da ideia de melhorar a *minha* visão.

— Ah — murmurou ela. — Pensei ter visto alguma coisa diferente nos seus olhos.

Subitamente, gelei de novo quando percebi que não era o único ali tentando desvendar segredos.

Dei de ombros, os músculos rígidos, e olhei para a frente, para o professor dando uma volta pela sala.

É claro que havia algo diferente nos meus olhos desde a última vez que ela os vira. A fim de me preparar para a provação, a tentação de hoje, passei o fim de semana inteiro caçando, saciando minha sede o máximo possível, e cheguei até a exagerar um pouco. Eu me fartei do sangue de animais; não que isso fizesse muita diferença diante do sabor ultrajante que flutuava no ar ao redor dela. Quando a olhei feio no outro dia, meus olhos estavam escuros de sede. Agora meu corpo estava cheio de sangue, e meus olhos ganharam um tom mais quente, cor de âmbar.

Outro deslize. Se eu tivesse percebido aonde ela queria chegar com a pergunta, teria apenas respondido que sim.

Já fazia dois anos que eu me sentava ao lado de humanos naquela escola, e ela foi a primeira a me examinar com atenção suficiente para notar a mudança na cor dos meus olhos. Os outros, embora admirassem a beleza da minha família, tendiam a desviar o olhar rapidamente quando os encarávamos. Eles mantinham distância, sem reparar nos detalhes da nossa aparência, em um esforço instintivo para se impedirem de entender a verdade. A ignorância era uma bênção para a mente humana.

Por que *essa* garota tinha que enxergar coisas demais?

O Sr. Banner se aproximou da nossa mesa. Grato, inspirei o ar limpo que ele trouxe consigo antes que se misturasse ao cheiro dela.

— Então, Edward — disse ele, olhando nossas respostas. — Não acha que Isabella deveria ter a chance de usar o microscópio?

— Bella — corrigi automaticamente. — Na verdade, ela identificou três das cinco lâminas.

Os pensamentos de Banner estavam céticos quando se virou para a garota.

— Já fez essa experiência de laboratório antes?

Observei, absorto, enquanto ela sorria, parecendo um pouco envergonhada.

— Não com raiz de cebola.

— Blástula de linguado? — questionou o Sr. Banner.

— Foi.

Isso o surpreendeu. Havia tirado o experimento da aula do material do terceiro ano. Ele assentiu, pensativo.

— Você estava em algum curso avançado em Phoenix?

— Estava.

Ela era inteligente para uma humana, então. Isso não me surpreendeu.

— Bem — disse o Sr. Banner, contraindo os lábios. — Acho que é bom que os dois sejam parceiros de laboratório. — Ele se virou e se afastou, resmungando baixinho: — Assim os outros alunos têm chance de aprender alguma coisa.

Eu duvidava de que Bella tivesse ouvido essa parte. Ela voltou a rabiscar em seu caderno.

Até agora, dois deslizos em meia hora. Um desempenho péssimo da minha parte. Embora eu não tivesse ideia do que a garota estava pensando de mim — quanto ela temia, quanto suspeitava? —, eu sabia que precisava me esforçar mais para causar uma boa impressão. Precisava acalmar as memórias do nosso último encontro feroz.

— Que chato aquela neve, não é? — falei, repetindo a conversa fiada que já tinha ouvido entre vários estudantes.

Clima, um assunto chato e batido. Sempre seguro.

Ela olhou para mim, a incerteza óbvia em seus olhos, uma reação anormal às minhas palavras muito normais.

— Na verdade, não.

Tentei manter a conversa banal. Ela vinha de um lugar muito mais ensolarado e quente — sua pele parecia refletir isso de alguma forma, apesar da palidez —, então o frio devia deixá-la desconfortável. Meu toque gelado sem dúvida tinha deixado.

— Você não gosta do frio — adivinhei.

— Nem da umidade — concordou ela.

— Forks deve ser um lugar difícil para você morar.

Talvez você não devesse ter vindo para cá, quis acrescentar. Talvez seja melhor você voltar.

Eu não tinha certeza se de fato queria isso. Sempre me lembraria do cheiro do seu sangue. E havia alguma garantia de que eu não acabaria indo atrás dela? Além disso, se Bella fosse embora, sua mente permaneceria para sempre um mistério, um quebra-cabeça irritante me atormentando.

— Nem faz ideia — disse ela em voz baixa, com uma careta, olhando para algum ponto às minhas costas.

Suas respostas nunca eram o que eu esperava. Elas me davam vontade de fazer mais perguntas.

— Então por que veio para cá? — questionei, logo percebendo que meu tom era muito acusatório, pouco casual para a conversa. A pergunta soava grosseira, intrometida.

— É... complicado.

Ela piscou, deixando por isso mesmo, e quase implodi de curiosidade; naquele segundo, o sentimento ardeu de forma quase tão incandescente quanto a sede em minha garganta. Descobri, inclusive, que estava ficando um pouco mais fácil respirar, a agonia se tornando um pouco mais suportável devido à familiaridade.

— Acho que posso aguentar — insisti.

Talvez ela continuasse respondendo às minhas perguntas por educação, desde que eu fosse indelicado o suficiente para fazê-las.

Ela olhou para as mãos em silêncio. Isso me deixou impaciente. Eu queria colocar a mão sob seu queixo e levantar seu rosto para ler seus olhos. Mas é claro que eu nunca mais poderia tocar em sua pele.

Ela olhou para cima de repente. Foi um alívio ver as emoções em seus olhos. Bella respondeu com pressa, atropelando as palavras.

— Minha mãe se casou de novo.

Ah, isso era humano o suficiente, fácil de entender. A tristeza tomou seu rosto, trazendo o franzido discreto àquele ponto entre as sobrancelhas.

— Isso não parece tão complexo — falei, minha voz gentil sem que eu precisasse me esforçar. Seu pesar me deixou estranhamente impotente, querendo fazer algo para ajudá-la a se sentir melhor. Um impulso estranho. — Quando foi que aconteceu?

— Em setembro. — Ela expirou com força, mal chegou a ser um suspiro.

Fiquei imóvel por um instante ao sentir seu hálito quente roçar meu rosto.

— E você não gosta dele — adivinhei após a breve pausa, ainda em busca de mais informações.

— Não, o Phil é legal — disse ela, corrigindo minha suposição. Agora havia um indício de sorriso no canto dos seus lábios grossos. — Novo demais, talvez, mas é bem legal.

Isso não se encaixava no cenário que eu estava construindo em minha cabeça.

— Por que não ficou com eles? — Minha voz estava muito ansiosa; eu parecia curioso. E de fato estava.

— Phil viaja muito. Ganha a vida jogando beisebol. — O sorriso discreto ficou mais evidente; aquela escolha de carreira a divertia.

Sorri também, sem precisar fingir. Eu não estava tentando deixá-la confortável. O sorriso dela só me dava vontade de sorrir em resposta, fazer parte do segredo.

— Eu conheço? — Vasculhei mentalmente os jogadores profissionais que conhecia, perguntando-me qual Phil era o dela.

— Provavelmente não. Ele não joga *bem*. — Outro sorriso. — É da segunda divisão. Ele se muda muito.

Os nomes na minha cabeça mudaram na mesma hora, e eu elaborei uma lista de possibilidades em menos de um segundo. Ao mesmo tempo, estava imaginando o novo cenário.

— E sua mãe mandou você para cá para poder viajar com ele — falei.

Fazer suposições parecia arrancar mais informações do que as perguntas. Funcionou mais uma vez. O queixo dela se projetou de leve para a frente e sua expressão de repente ficou desafiadora.

— Não, ela não me mandou para cá — disse Bella, e sua voz tinha um tom mais duro. Minha suposição a aborreceu, embora eu não entendesse o motivo. — Eu quis vir.

Eu não conseguia adivinhar seus motivos ou o que provocara sua irritação. Estava completamente perdido.

Era impossível entender aquela garota. Ela não era como os outros humanos. Talvez o silêncio de seus pensamentos e o perfume de seu corpo não fossem as únicas coisas incomuns nela.

— Não entendo — admiti, odiando ter que fazer isso.

Ela suspirou e olhou nos meus olhos por mais tempo do que a maioria dos humanos suportava.

— Ela ficou comigo no começo, mas sentia falta dele — explicou ela, o tom de voz ficando mais desamparado a cada palavra. — Isso a deixava infeliz... Então cheguei à conclusão de que estava na hora de passar algum tempo de verdade com Charlie.

A pequena ruga em sua testa ficou mais acentuada.

— Mas agora é você que está infeliz — murmurei.

Continuei falando minhas hipóteses em voz alta, esperando aprender mais com suas refutações. Dessa vez, no entanto, eu parecia ter acertado na mosca.

— E? — perguntou ela, como se esse não fosse um aspecto a ser considerado.

Continuei encarando-a nos olhos, sentindo que finalmente tive meu primeiro vislumbre verdadeiro de sua alma. Vi naquela única palavra que lugar ela mesma ocupava em suas prioridades. Ao contrário da maioria dos humanos, suas necessidades estavam no final da lista.

Ela era altruísta.

Ao perceber isso, o mistério da pessoa escondida dentro daquela mente silenciosa começou a clarear um pouco.

— Isso não parece justo — falei.

Dei de ombros, tentando soar despreocupado. Ela riu, mas não estava se divertindo.

— Ninguém te contou ainda? A vida não é justa.

Quis rir das suas palavras, embora também não visse graça nelas. Eu sabia muito bem que a vida era injusta.

— Acho que *já ouvi* isso em algum lugar.

Ela olhou para mim, parecendo confusa de novo. Então desviou o olhar por um segundo antes de voltar a me encarar.

— E então é isso.

Eu não estava pronto para deixar a conversa terminar. Aquela pequena ruga em sua testa, um remanescente de seu pesar, me incomodava.

— Está fazendo um belo papel — falei devagar, ainda considerando a próxima hipótese. — Mas aposto que está sofrendo mais do que deixa transparecer.

Ela fez uma careta, estreitando os olhos e contorcendo a boca, então olhou para a frente. Bella não gostava quando minhas suposições estavam certas. Ela não era uma mártir comum, não queria plateia para o seu sofrimento.

— Estou errado?

Ela se encolheu um pouco, mas fingiu não me ouvir. Isso me fez sorrir.

— Acho que não.

— Por que isso interessa a *você* ? — questionou ela, ainda olhando para a frente.

— Boa pergunta — admiti, mais para mim mesmo do que para ela.

Seu discernimento era melhor do que o meu; ela enxergava a essência das coisas, enquanto eu me atrapalhava nas primeiras camadas, examinando as pistas às cegas. Os detalhes de sua vida tão humana *não* deveriam me interessar. Eu estava errado em me importar com o que ela pensava. A não ser para proteger minha família de suspeitas, os pensamentos humanos não eram relevantes.

Eu não estava acostumado a ser a parte menos intuitiva de uma conversa. Vinha dependendo demais da minha audição extra, e claramente eu não era tão perspicaz quanto imaginava.

Bella suspirou e se virou para a frente com um olhar contrariado. Havia algo engraçado em sua expressão frustrada. A situação toda, a conversa inteira era engraçada. Ninguém jamais correu tanto perigo ao meu lado quanto aquela pequena humana — a qualquer momento eu poderia, distraído por minha concentração ridícula em nossa conversa, inspirar pelo nariz e atacá-la antes que pudesse me conter —, mas *ela* estava irritada porque não respondi à sua pergunta.

— Estou irritando você? — perguntei, sorrindo diante do absurdo da situação.

Ela olhou para mim de relance, e então seus olhos pareceram capturados pelo meu olhar.

— Não exatamente. Estou mais irritada é comigo mesma. É tão fácil ler minha expressão... Minha mãe sempre me chama de livro aberto.

Bella franziu a testa, contrariada.

Eu a encarei, atônito. Ela estava chateada porque achava que eu era capaz de lê-la com *muita facilidade* . Que estranho. Nunca fiz tanto esforço para entender alguém em toda a minha vida, ou melhor, existência, pois *vida* não era bem a palavra. Eu não tive uma *vida* de fato.

— Pelo contrário — discordei, sentindo-me estranhamente... cauteloso, como se houvesse algum perigo oculto que eu não estava percebendo. Além do perigo óbvio, algo mais... De repente, fiquei tenso, ansioso ao me lembrar da premonição. — Acho você muito difícil de ler.

— Então você deve ser um bom leitor — adivinhou ela, fazendo sua própria suposição e, mais uma vez, acertando na mosca.

— Em geral sou — concordei.

Abri um largo sorriso, afastando os lábios para expor as fileiras de dentes brilhantes e fortes como aço.

Era uma estupidez da minha parte, mas eu estava abrupta e inesperadamente desesperado para lhe dar algum tipo de aviso. Seu corpo estava mais perto de mim do que antes, tendo se aproximado de maneira inconsciente durante nossa conversa. Todos os pequenos indícios que eram suficientes para assustar o resto da humanidade não pareciam estar funcionando com ela. Por que Bella não se encolhia de medo? Sem dúvida tinha visto o suficiente do meu lado sombrio para perceber o perigo.

Não consegui ver se meu alerta teve o efeito desejado. O Sr. Banner pediu a atenção da turma naquele momento, e ela se afastou de mim na mesma hora. Pareceu um pouco aliviada com a interrupção, então talvez ela entendesse inconscientemente o risco que corria.

Eu esperava que sim.

Reconheci o fascínio crescente em mim, mesmo enquanto tentava sufocá-lo. Eu não podia me dar ao luxo de achar Bella Swan interessante. Ou, melhor dizendo, *ela* não podia se dar a esse luxo. Eu já estava ansioso por outra oportunidade de conversar com ela. Queria saber mais sobre sua mãe, sua vida antes de ela se mudar para cá, seu relacionamento com o pai. Todos os detalhes insignificantes que revelariam mais sobre sua personalidade. Mas cada segundo passado com ela era um erro, um risco que ela não deveria correr.

Distraída, ela mexeu no cabelo grosso no momento em que me permiti respirar de novo. Uma onda especialmente forte de seu cheiro atingiu o fundo da minha garganta.

Foi como no primeiro dia, como a granada. A dor da *secura* ardente me deixou tonto. Tive que agarrar a mesa de novo para permanecer sentado. Dessa vez tive um pouco mais de autocontrole. Não quebrei nada, pelo menos. O monstro rosnou dentro de mim, mas não teve prazer com minha dor. Ele estava sob controle. Por enquanto.

Parei de respirar e me inclinei para o mais longe possível dela.

Não, eu não podia mesmo me dar ao luxo de achá-la fascinante. Quanto mais interessante eu a achasse, era mais provável que eu a matasse. Já cometi dois pequenos deslizes hoje. Será que cometeria um terceiro, um que *não* fosse pequeno?

Assim que o sinal tocou, fugi da sala de aula, provavelmente destruindo qualquer impressão de polidez que havia construído ao longo da última hora. Mais uma vez, ofeguei ao sentir o ar limpo e úmido do lado de fora, como se fosse um elixir curativo. Apertei o passo, tentando aumentar a distância o máximo possível entre mim e a garota.

Emmett estava me esperando do lado de fora da nossa sala de espanhol. Ele leu minha expressão intensa.

Como foi?, perguntou, em tom cauteloso.

— Ninguém morreu — murmurei.

Já é alguma coisa. Quando vi Alice matando aula agora há pouco, pensei...

Enquanto entrávamos na sala, estudei sua lembrança de alguns momentos antes, o que vira pela porta aberta da última aula que teve: Alice andando depressa, o rosto inexpressivo, em direção ao prédio de biologia. Senti pela lembrança que ele ficou tentado a se levantar e se juntar a ela, antes de decidir permanecer onde estava. Se Alice precisasse de ajuda, ela pediria.

Fechei os olhos com horror e desgosto enquanto desabava na cadeira.

— Não percebi que escapei por um triz. Achei que não... Achei que não tivesse sido tão ruim — sussurrei.

Não foi, ele me tranquilizou. Ninguém morreu, certo?

— Certo — falei, com os dentes trincados. — Não dessa vez.

Talvez fique mais fácil.

— Claro.

Ou talvez você vá matá-la. Ele deu de ombros. *Você não seria o primeiro a fazer besteira. Ninguém julgaria muito. Às vezes, uma pessoa tem um cheiro bom demais. Fico até impressionado de você ter aguentado tanto tempo.*

— Isso não está ajudando, Emmett.

Era revoltante que ele aceitasse tão bem a ideia de que eu mataria a garota, de que isso era inevitável. Por acaso era culpa dela que tivesse um cheiro tão bom?

Já aconteceu comigo..., lembrou ele, me mostrando uma lembrança de meio século antes, em uma estrada rural ao entardecer, onde uma mulher de meia-idade estava tirando os lençóis secos do varal amarrado entre duas macieiras. Eu já vira aquela cena, o mais difícil de seus dois incidentes, mas a memória parecia especialmente vívida dessa vez, talvez porque minha garganta ainda doía da última hora de ardência. Emmett se lembrou do aroma das maçãs pairando forte no ar; a colheita havia terminado, e as frutas descartadas estavam espalhadas pelo chão, as partes machucadas vazando a fragrância em nuvens espessas. Um campo de feno recém-aparado era o pano de fundo desse perfume, tudo em harmonia. Ele estava caminhando pela estrada, quase sem reparar na mulher, indo fazer um favor para Rosalie. O céu estava arroxeadado na parte mais alta e laranja sobre as montanhas a oeste. Ele teria seguido pela estrada sinuosa, sem qualquer motivo para se lembrar daquela noite, quando uma brisa noturna repentina soprou os lençóis brancos como velas e levou o cheiro da mulher até ele.

— Ah — gemi baixinho.

Como se minha sede já não fosse suficiente.

Eu sei. Não durei meio segundo. Nem cogitei resistir.

Sua memória se tornou explícita demais para eu suportar. Fiquei de pé em um pulo, cerrando os dentes com força.

— *Estás bien*, Edward? — perguntou a Sra. Goff, assustada com meu movimento repentino.

Vi meu rosto em sua mente, e notei que eu parecia longe de estar bem.

— *Perdóname* — murmurei, enquanto corria em direção à porta.

— Emmett, *por favor, puedes ayudar a tu hermano?* — perguntou ela, gesticulando de forma impotente para mim enquanto eu corria porta afora.

— Claro — respondeu ele.

E então meu irmão estava logo atrás de mim.

Emmett me seguiu até o outro extremo do prédio, onde me alcançou e segurou meu ombro.

Empurrei a mão dele para longe com uma força desnecessária. Se Emmett fosse humano, meu gesto teria quebrado não só os ossos de sua mão, como também o braço inteiro.

— Desculpe, Edward.

— Eu sei.

Respirei fundo, tentando clarear a mente e limpar os pulmões.

— É tão ruim assim? — perguntou ele, tentando sem sucesso não pensar no cheiro e no sabor de sua memória.

— Pior, Emmett, bem pior.

Ele ficou quieto por um instante.

Talvez...

— Não, não seria melhor se eu terminasse logo com isso. Volte para a aula, Emmett. Quero ficar sozinho.

Ele se virou sem mais uma palavra ou pensamento e se afastou a passos rápidos. Diria à professora de espanhol que eu estava doente, ou matando aula, ou que era um vampiro perigoso fora de controle. A desculpa dele faria diferença? Talvez eu não fosse voltar. Talvez precisasse ir embora.

Fui para o carro esperar a aula acabar. Fui me esconder. De novo.

Eu deveria ter passado esse tempo tomando decisões ou tentando fortalecer minha determinação, mas, como um viciado, me peguei vasculhando a confusão de pensamentos que emanava dos prédios da escola. Algumas vozes familiares se destacavam, mas eu não estava interessado em ouvir as visões de Alice ou as queixas de Rosalie. Encontrei Jessica com facilidade, mas Bella não estava com ela, então continuei minha busca. Os pensamentos de Mike Newton chamaram minha atenção, e eu finalmente a localizei no ginásio com ele. O garoto estava aborrecido porque eu havia conversado com ela durante a aula de biologia. Estava ruminando a resposta dela depois de tocar no assunto.

Nunca o vi dizer mais do que uma ou outra palavra. Claro que ele ia resolver falar logo com a Bella. Não gosto do jeito que ele olha para ela. Mas Bella não soou muito animada. O que ela disse mesmo? “Nem imagino o que aconteceu com ele na segunda

passada.” Algo do tipo. Ela não pareceu se importar muito. Não deve ter sido uma conversa tão interessante assim...

Ele tentava se alegrar com a ideia de que Bella não se interessara muito pela conversa comigo. Isso me incomodou bastante, então parei de ouvi-lo.

Coloquei um CD para tocar e aumentei o som até abafar todas as outras vozes. Tive que me concentrar muito no som para não voltar aos pensamentos de Mike Newton e espionar uma garota inocente.

Trapaceei algumas vezes mais para o fim da aula. Tentei me convencer de que não estava espionando, apenas me preparando. Queria saber o momento exato em que ela saísse do ginásio, saber quando estaria no estacionamento. Não queria que ela me pegasse de surpresa.

Quando os alunos começaram a deixar o ginásio, saí do carro, sem saber por quê. A chuva estava fraca; eu a ignorei, mesmo que meu cabelo começasse a ficar molhado.

Será que eu queria que ela me visse ali? Tinha esperanças de que viesse falar comigo? O que eu estava fazendo?

Não me mexi, embora tentasse convencer a mim mesmo de que deveria voltar para o carro, sabendo que meu comportamento era repreensível. Mantive os braços cruzados e respirei muito superficialmente enquanto a observava vir devagar em minha direção, a boca indicando sua chateação. Ela não olhou para mim. Olhou feio para as nuvens algumas vezes, como se a tivessem ofendido.

Fiquei decepcionado quando ela chegou a seu carro antes de passar por mim. Será que teria falado comigo? Eu teria falado com ela?

Bella entrou em uma picape vermelha e desbotada da Chevrolet, um gigante enferrujado mais velho do que seu pai. Eu a observei dar a partida — o velho motor rugia mais alto que qualquer outro veículo no estacionamento — e depois levar as mãos ao aquecedor. O frio era desconfortável para ela, não lhe agradava. A garota passou os dedos pelo cabelo grosso, puxando algumas mechas para o ar quente como se tentasse secá-las. Imaginei o cheiro dentro da picape, mas rapidamente afastei esse pensamento.

Bella olhou em volta enquanto se preparava para dar a ré e, por fim, olhou na minha direção. Nós nos encaramos por apenas meio segundo, e tudo que consegui ler em seus olhos foi surpresa, antes que ela os desviasse e começasse a sair com a picape da vaga. Então parou de novo com um grunhido, tirando um fino do carro pequeno de Nicole Casey com a traseira.

Ela olhou boquiaberta para o retrovisor, horrorizada com o acidente que por pouco não causou. Quando o outro carro passou por ela, a garota verificou todos os pontos cegos duas vezes antes de avançar pelo estacionamento com tanta cautela que me fez sorrir. Era como se ela achasse que era perigosa em sua picape caindo aos pedaços.

A ideia de Bella Swan ser perigosa para qualquer um, independentemente do que estivesse dirigindo, me fez gargalhar enquanto ela passava direto por mim, olhando para a frente.